

Poser

Victor Mota

1.

Podia mesmo viver do bloqueio, mas eu não sou assim. Deitei-me e, pensando nas mais variadas circunstâncias da minha vida, relacionada com a dos outros, pensei "o pc está ligado, porque não dizer qualquer coisa", afinal ainda me considerava escritor. Além do mais, lembrando diversos autores, tinha tido hoje uma boa notícia, foi-me atribuída uma bolsa de doutoramento, por quatro anos, na faculdade de Letras, o que me permitia acalentar, ainda, a re-frequência do doutoramento, as aulas e a possibilidade de encontrar pessoas jovens interessantes e vir a prolongar os meus estudos e, no final, tipo cereja no topo do bolo, ser-me atribuído o grau de doutor não como suficiente, mas com unanimidade e aclamação. Era ainda possível um futuro risonho e, além do mais, a continuação das minhas investigações filosóficas. Depois, descobri, por vários sinais, a maioria deles de origem religiosa, melhor, espiritual, que o meu caminho era semelhante ao do meu amigo Victor, já ido deste mundo, ou seja, não tinha de me desviar do caminho dele só para conservar a vida, a existência, porque a minha essência estava além disso e ainda por cima o facto de ele ter ido teria sido não só um sinal da sua força, da resistência até ao último momento, mas também uma forma de asseverar que eu continuaria a minha quase patética estada neste mundo... Depois, mais adiante, percebi que nunca devemos supor a burrice do outro, essa é a pior burrice que (nos) pode acontecer, se quisermos aprender alguma coisa nesta vida, sendo que apenas aprendemos para fazer elo com alguém, ou seja, apenas aprendemos não pelo conhecimento em si, mas para "enisnar", ou seja, transmitir, ao Outro...

Ao mesmo procurava fruir das coisas (simples) da vida. Tinha uma sorte enorme em ter ainda os meus velhotes vivos e lúcidos. Iria de novo no dia seguinte para Lisboa, estava ansioso por estar com uma mulher, desde que conhecera Lily, ou seja, desde há dez meses, altura em que tinha estado com Pamela, em Janeiro, por uma só vez, não tinha tido nenhuma intercurso vaginal, ou seja, tinha estado com Cristiana durante um mês, mas, para todos os efeitos, tinha sido uma relação homossexual, portanto, se eu queria algo hetero, teriam passado dez meses e...nada,, mesmo na net...nada...mesmo sem TV, acabando "Àlamo", e com esta coisa toda da tese ainda estava mais complicado, ainda que sentisse que Brígida teria ansiedade acerca de estar comigo secretamente, no carro... Mais adiante, estando em Riachos, procurava o reaccionário livro de Alexis Carrel, "O Homem, esse desconhecido", mas tudo o que encontrei foi "Deus é Alguém", de André Brien, um livro que pertenceu ao meu avô materno e que prova, à saciedade, que Deus é mais do que o resultado da efervescência social, pelo que , no final, Durkheim estava errado, ou seja, Deus, a divindade, as divindades (locais, circunstanciais), é qualquer coisa que está Além e Aquê do homem, ou seja, não é a apenas uma projeção do seu desejo de supera, a todo o instante, a contingência, a ameaça da finitude, mas uma ideia (precisa, precisada) de algo que está além de nós, sobretudo enquanto não o descobrimos, ou seja, não só o conhecimento, mas a fé, nem que seja em nós mesmos...

2.

Depois, remexendo nos livros e tendo acabado uma garrafa de tinto, que levava desde as quatro da tarde, lembrei-me que em Montariol pagava 25 contos por mês de mensalidade na Faculdade e que nem fiquei com os livros que usávamos, eu e o Edu, nas mais diversas aulas, todas elas bastante interessantes, desde a Introdução à História à Sociologia, passando pelo grego e introdução à linguística, que foi a única disciplina que tive nota negativa. Mas pronto, estávamos num contexto religioso, franciscano, mais propriamente, isso entendo, mas não perdoo. Porque era o Adelino a pagar. Já em Leiria era a mesma coisa, sempre a desembolsar sob o esforço do meu velhote nas obras. Enquanto houver competição entre os homens, o caminho é loucura e desrazão, suicídio coletivo. O primeiro a demonstrar isso foi Francisco de Assis, seguido de Santo António de Lisboa, o mais notável doutor da Igreja, o grande casamenteiro e o primeiro ecologista, juntamente com o seu mestre. Enquanto o caminho não for cooperação, não haverá uma "raça" humana melhor, mesmo de etnia para etnia, mesmo de diferença, psicológica, social, sexual, identitária, classista, etc, para diferença...Wierviorka demonstrou isto à sociedade, mesmo entre brancos há diferenciação, mesmo entre negros, entre índios e coreanos, mesmo entre hindús, a maior constante do sujeito é subir socialmente, e eu acho esse esforço legítimo, porque dá ânimo e eu mesmo sinto esse desejo, embora sendo "apenas" antropólogo.

Mais adiante, folheando e percorrendo os meus livros em Riachos, percebi superiormente que a minha mãe tinha alinhado os títulos de Camus uns contra os outros. Sim, eu era camusiano, sem dúvida, viesse ou não a dar aulas de filosofia. Depois, lembrei de Creta, a jovem suíça que trabalhava na faculdade de Letras e de como tinha perdido várias ocasiões de a conhecer melhor, inclusivé passear com ela e, no prolongamento disso, beijá-la ardorosamente na mata da faculdade...

3.

E, no entanto, lembrava-me das aulas de História da Religião, do Padre Avelino, das aulas de Relações Públicas e Latim do Padre Joaquim, e as aulas de Introdução ao Mistério de Cristo, melhor, de *Introdução ao Fenómeno Cristão*, do Padre Lucas, que a todo o tempo nos mandava a seguinte comenda: "sublinhar com linha ondulada, nota bem (N.B.) e três traços à margem... Face a esta esperança, enfiei alguns livros de Filosofia Social na mala e retirei um policial e outro semi-policial, com o qual gozara com a cara de uma ex-colega de faculdade, fazendo prever que estaria de férias, em turismo, quando estava fazer já, desde há algum tempo, profundas reflexões filosóficas sobre tudo e mais alguma coisa. Mesmo que viesse a obter o grau de Doutor, não sabia bem se iria ser professor, na faculdade ou no ensino secundário, nem sabia mesmo se estaria em breve em Nova Iorque, pois iam-me, àquela hora da noite, faltando as forças, sobretudo as mentais, pois sempre fora mais ou menos forte discicamente, era noite e eu não conseguia deixar de estar ocupado e entusiasmado, a obrigação de dormir era a obriagação de fazer por mim mesmo e pelos outros alguma coisa, persistir no tempo. E lembrei-me dos sinais de entusiasmo de um passageiro no comboio, um pouco antes de chegar ao Entroncamento...e sabia, depois de beber um café, que mais tarde ou mais cedo iria estar com Flávia, em Lisboa ou por lá, não que ela fosse muito popular, mas tinha espírito, ao contrário de algumas, que só tinham corpo e não estava, como ela, de espírito desperto.... Depois, a questão quase judaica dos números: o 35 era o número que constava no cartão de visita ao recluso Brandão no Estabelecimento Prisional de Braga, 35 era o número com que eu tinha, rés-vés-campo-de-ourique, entrado no ISCTE, ainda que com 16,6 de média, num curso altamente elitista e maluco que chegasse... Nesses dias, aprendia a ser feliz, nunca sentira a força e o apoio de uma mulher nos tempos difíceis, a não ser a minha irmã e a minha mãe. Mas elas não me davam agora esse apoio e, de resto, queria constituir

família, mesmo que não tivesse filhos. Deitar-me só era um martírio, imaginava as mulheres com quem havia dormido, em circunstâncias várias e elas como que uma presença invisível ao lado de mim, quase num, arqueado sob o peso dos meus pensamentos. Nesses dias, eu tinha uma nova esperança de poder continuar a desenvolver os meus estudos, pois em princípio teria uma bolsa da faculdade e dentro de três anos poderia apresentar uma versão melhorada da minha tese. Estava um pouco animado e com desejo de voltar a frequentar as faculdades, enquanto prossegui a bom ritmo este novo relato. Mexi em algumas das coisas escritas no quase início de toda esta aventura literária, tinha dezassete ou dezoito anos. Mas perdi essa ideia de ter apoio de uma mulher para ser a força daquela que viesse a conhecer, de uma maneira ou de outra. Na verdade, das mulheres que tive nunca fui força de bloqueio, sempre as aguentei, mais ou menos tempo. E a solidão instava naquela noite em que os meus pais se deitaram mais cedo, pouco depois das nove... Como se a tal não aparecesse e noite após noite dormia só, deixei de ter um intento claro e iluminado de dar aulas no superior, até o gosto pela própria vida se ia por aí abaixo, o que podia ser entendido como uma forma de boa disposição, só queria discutir a tese, concluir o doutoramento, e logo se veria o que fazer. Por isso, andava ora de roda da minha mãe, que sempre dizia para a deixar em paz, ora perto do meu pai, deitado a dormir em frente à Televisão. Falava com o meu irmão e as coisas sempre descambavam para a discussão. Fazia e lia alguma filosofia. As pessoas eram ensinadas a serem más, como dizia um filósofo brasileiro... Muitas não queriam ser boas com medo de ficarem só, solidão que experimentava em Riachos e, mais ou menos dramaticamente, em Moscat...

4.

Entretanto, nesses dias, a minha apresentação na sociedade era mais ou menos informal, em termos de vestes e aparência facial. Tinha o cabelo mais ou menos arranjado, de roupas não estava mal, o rosto não muito mal, mas estava até um pouco feio, logo eu, que tinha despedaçado inúmeros corações, talvez fosse do excesso de introspeção e da falta de vida social, coisa que os meus irmãos, mais ou menos, tinham. Passaram vários anos e nunca mais fora a Pombais ou Lérída, podia dar umas voltas por cá procurando uma moça para viver comigo, procurando não entrar em pânico, em panicar, por estar sózinho, as coisas do mundo e da noite estavam cada vez mais complicadas e eu sem grandes forças para responder, num momento ou noutro, durante o dia, era atacado pelos mais estranhos, bizarros e medonhos pensamentos. Sim, talvez eu fosse apenas, nada mais, um Poser, segundo a wikipedia, aquele que diz não ser o que é, que é o que diz não ser e não ser o que os outros dizem que ele é... Eu estava, nesses dias, verdadeiramente entalado, a minha representação social era importante, mas não tinha mulher, nesses dez meses cumpridos naquele ano, apenas tinha estado com uma mulher, uma vez, e com um homem que queria ser mulher, durante um mês, na minha casa. Evitava enlouquecer, mas logo que cheguei a Lisboa me senti só... De que valia ser o jovem filósofo promissor, quando na vida íntima tudo corria mal, não havia certamente nada que me alegrasse e era um gigante com pés de barro, ansioso por carinho e dedicação, por amor, jamais poderia entrar de novo num convento... Era esse o meu dilema, ter proventos económicos para constituir uma família e assim me apresentar à sociedade. Nada mais importava naquele tempo... A música da rádio não ajudava grande coisa. Tinha 50 euros em saldo contabilístico, andei todo o dia vai-não-vai para as meninas e acabei por não ir, não sabia como aguentar essa noite, parecia cruel e/ou desumano o que estava alguém fazendo comigo, se é que alguém estava fazendo alguma coisa, o cigano ficou-me com

dez euros, ainda comprei um vinho de caipirinha, pensava na bolsa e no emprego como professor de filosofia, quem sabe, quem sabe daria, em vez de ir para o secundário, quem sabe daria dentro de algum tempo, depois de tanto passar mal e pensava no pequenito, na pequenita, na minha mãe, que sempre me censurava por não fazer o que tinha a ver com a minha índole, provavelmente a de um vencedor... Digamos que paguei um alto preço por ter sido manipulado pela sociedade, mas também, a sociedade, a lisboeta, terá pago um alto preço por me ter manipulado... E nunca cheguei a perceber porque é que o saldo estava no modo contabilístico...

Ainda sem TV. Podia não ter dito a bolsa, ainda depende de uma opinião superior a decisão definitiva, mas não estou disposto a fazer mais cedências. Continuo a consistir notícia, mas pouca gente fala comigo abertamente. Acerca de nada e coisa nenhuma, como se fosse o salvador da pátria e de nada me dessem conta, sem mulher ainda, nem Lilly mais apareceu, estou registando os meus dias e pondero publicar mais alguma coisa. É certo que sou tentado a publicar, depois de transcrever, os últimos seis blocos A4 e alguns vários cadernos A5, bem como as duas teses e as 13 obras, compósitas desde há dois anos para cá. Tenho andado melhor, ainda que com alguma dificuldade em adormecer, mas não tenho grandes problemas de consciência. Terei feito sofrer a minha mãe, psicologicamente e pelo dinheiro e apoio que lhe fui pedindo, mas não vou arranjar desculpas, o que aconteceu aconteceu e, em parte, terá sido culpa minha, talvez por não ter podido ser melhor ser humano. Farto de escrever, farto de falar de mim, mas ainda não farto de mim. Agora que a bolsa chegou, perdi o interesse. Afinal, está "tudo" escrito. Mais ou menos. O que é mais certo para mim é que vou sair de casa todos os dias e regressar mais logo, depois, levando o meu pensamento no contato com alguma coisa que me desperte a atenção, não que haja muita coisa, nem que a minha motivação seja a maior. Pessoas que sabem o que querem. Também eu sabia e quis, durante muito tempo. Agora vivo conforme as circunstâncias e vou fazendo acertos pontuais naquilo que vai aparecendo, face ao que realmente quero...viver, deixar viver. Não me rendo, certas imagens, leitosas e salivas, ainda estão na minha mente. E eu hei-de confessar-me a todo o momento? Não é natural que me sinta culpado, daí a coisa anal, sujo a todo o momento no

buraco do cú, sempre, como se a mente estivesse sempre encostada ao buraco plissado ou então uma bola, mirtilos, diz o cançonetista, ali, onde eles são menos esperados, às portas do cú, como se fossem dois tomates? Serão os meus e eu estou a enrubar-me a mim mesmo? Não creio, confessar isto ao leitor poderá ser um acto de heroicidade, mas a coisa começa a ferver e eu já não tenho pachorra, espero pela bolsa para que possa fazer alguma coisa de jeito, duas francesas quase piscaram comigo qualquer coisa e a dor de cabeça não me larga, telefono à minha irmã e ao meu irmão, a ver se tenho oportunidade de comprar um maço de tabaco, não consigo dormir, farto desta merda toda, não há quem arrisque ou se há quem o faça mete-se logo a negro, na coisa dura, nas merdas todas e que tenho eu a ver com os outros, eu digo, por terem dois braços e duas pernas, digo, tudo, e descobri uma profissão para mim mesmo, *o facilitador emperrado*... Depois descobri, no jornal de um dia da década passada, publicado no Pórtico de Cavem, o seguinte anúncio: "*Olha o senhor doutorado que vê pornô...e é duas vezes por mês, vejam só, duas vezes por mês e não tem mulher, o pobre, ainda acham que é gay, é um prejuízo grande para a pátria, perdeu um grande amigo, é um desperdício, podia dar o cú e ganhar com isso e é só um dos homens mais corajosos do seu tempo, juntamente com o JP Simões, o Adolfo Luxúria Cannibal e o Manuel João Vieira, não tirando o Zapa Dada*".

FÓFÓ NHÓ NHÓ
FÃ FÃ LÁ LÁ FÁ FÁ
FRU FRU FRU PU PU PIU PIU

Pois, nessa noite estava cansado e ainda tinha coragem para escrever e pensar, escrever neste écrã (é-lã, é-lá) e escrever no caderno de notas, lembrando Paul Auster. A ideia básica é a seguinte: eu sou o maior, mas ninguém pode saber, pelo menos desde 2016 até 2019, ninguém pode saber nem nunca saberá, *hellás* o meu irmã não me deu dez euros pra tabaco e ainda penso nas francesas mas dei uma de homem forte e religioso (sacral) e voltei para casa debaixo de chuva, os monhés (bangladeshianos, mais propriamente) já tinham fechado e estavam à porta, passe e disse "Macera!" Ainda me meti com uma miúda no metro, parece que estou a rumar contra a maré, não tenho sorte nenhum, a bolsa ainda não está garantida, este é o meu estilo, já não tento copiar Lobo Antunes ou Saramago, para mim, bem no fundo de mim mesmo, acho que os superei há alguns meses...nos limites do interesse... O pobre, o vagabundo, o varredor de ruas, anda sempre sózinho, além o jovem com Sida ou doenta mental (não que seja uma e a mesma coisa), anda sózinho, porque o ser humano, isto não é de ciência nenhuma, mas de senso comum, quando está a ganhar, seja sucesso seja prestígio, acabar por ter grande descontrolo sobre as coisas, sobre os seus sentimentos, e acaba por fazer grande merda, que é mesmo assim, quando a tensão está do lado daquele que é ao mesmo tempo altruísta e moderado. Porque a mulher de hoje tem baixa auto-estima, precisa de um homem que se descontrole diante dela e não um duro, a não ser que seja alemã ou norueguesa, ah, como gostaria de estar por lá, falando com este e com aquele, com esta e com aquela, talvez sejam os jovens quem melhor me compreende e como custa sair desta solidão!!!! Deste marasmo em que me meti, desde há anos, sem ter o gosto e desvelo de sair de casa todos os dias para um trabalho e não teria sido complicado, nem queria academia nem coisa complicada, apenas um lugar de onde pudesse tirar cansaço, provento material e satisfação e já agora colegas de trabalho. Porque...dinheiro? Faz-me

confusão, afinal sou tão bom ou tão mau como todos os outros, talvez pensem alguns que sou um maltrapilho doutor, mas eu cá fico com a minha razão, com as minhas explicações, provavelmente tendo muitos dívida para comigo e nem sequer passam cartuxo, negros e brancos, chineses ou amarelos, locais ou estrangeiros... Há um espécie de um entendimento tácito em relação aos gregos, italianos, espanhóis e portugueses, ou seja, essa coisa do turismo tem muito que se lhe diga. Em relação a África é pior, ou seja, povos com história sendo sujeitos e submissão mental face a povos com muito pouco história, ou seja, colonizadores selvagens, porque a maioria do americano só faz merda, é tão nojento e insidioso que só quer conquistar terreno, só quer competição e trá-lá-lá, chó chó chó e nhá nhá nhá? Nhã nhã nhã? E o nosso próprio terreno o disse, o medo instala-se e ainda bem, porque as coisas estão a melhorar, os povos do norte começam a perceber que o do sul não é parvo e que lhe dá a volta facilmente. Isto vê-se na bola. Porque o americano vive ora do jogo mental, ora do físico e tem tanto um problema com a verdade quanto com o passado, mas encontra mais ou menos o mundo contra si, não só devido à fisicalização das suas coisas na coisa do porno e do cultivo da heroicidade, ou seja, quem lhes vai dar a mãe é o ibérico, os outros não querem saber dele. Por isso, esperamos, esperamos que eles falem um pouquinho de língua lusa, a melhor língua do mundo, porque não é da dominação mas do afeto... Nh'nhó nhó Fã Fã Fã trálá lá praca pá...

FÓFÓ

Não sabia o que escrever. Ainda tinha o rolo da impressora para enchar, teria de pagar setenta euros, achei por poiso Lisboa, quando eu menos esperava, como uma noiva que nunca mais vem, olhei o quarto vazio que fazia de estúdio vazio, lugar do vagar sartreano, fiquei sem net, fui ao aeroporto, falei com umas pessoas e via com bom grado ter algum dinheiro estatal para fazer filosofia, as mesmas coisas de sempre, escrever, pensar, dialogar e Portugal perdia dois a zero com a Ucrânia e eu iria ver a segunda parte ao Fernando, coisa assim, mais uma noite só, não era sangria desatada, aperfeiçoava a minha escrita ante o desvelo costumeiro e a decepção num vagão do metro. Olhei a cama vazia de casal e fiquei falando comigo mesmo como se falasse para a minha amada despindo-se e tive um encontro com uma negra roliça que não quis vir até comigo. Talvez ainda bem...fiquei desalentado, como português...sempre a espalhar a boa semente, a do amor e das coisas boas da vida... a minha barriga ora aumentava ora baixava e eu não tinha grande mau aspecto, por vezes era até bastante belo, mas por vezes bastante feio, mas decidi não forçar mais, mais uma noite só, não sabia ao que ia mas sentia ainda o desejo e o pico de ir aoas EUA, ou pelo menos a Nova Iorque. Talvez tivesse até descoberto já um certo New York State of Mind contido num Lisbon State of Mind... Eu não sabia o que fazia, depois de beber um litro de cerveja, bebia uma garrafa de vinho verde, marca róscofe. Era dia de aniversário da minha mãe, muito gostava eu da minha mãe, talvez viesse a encontrar o ponto G do mundo dentro de algum tempo ou dormisse mais, mais um tempo, muito gostava eu da minha mãe... E Portugal mete um logo, perdão, golo, é possível a reviravolta, saio do café e regresso a mim mesmo heideggeriano, sem dama, nietzscheano e tolerante com todos em termos mais propriamente franciscanos... Dormir, descansar, que tenho muito que fazer, como toda a gente...

ASSUNTO

Apetecia-me ir embora, porque por aqui ainda não conheci amor algum, nem conheceria nos States, prefiro meditar um pouco e deitar-me sobre o assunto. E o que é mais certo é que o chinês estava lá, enquanto todos davam em debandada, o chinês estava lá, mais o russo, o ucraniano, eles estavam lá e ao pé deles não havia damas, quando as damas ficavam no final com eles...e o tipo, o pinguim, constrói a carreira universitária à custa de um tipo que teve seis internamentos, mais o irmão, pisa em cima, e a irmã, que goza com a situação...pedir dinheiro a esta gente??' Nunca mais!!! Comparar psiquiatria com tropa? Nah! E eu percebo a mentalidade de alguma gente daqui, são tacanhos, como o meu irmão o é por vezes, se nada fizesse, andava por aí, arbitrário à casaca da noz, fingindo-me doente e ganhava mais com isso, mas isso para mim não era ganho nenhum, porque as pessoas querem adoração e eu não estou para isso, fissura no espírito, eu sou como sou, aqui ou em Nova Iorque, estou farto de ragabofe e corrupção, a mim ninguém me liga, vou eu ligar para quê? O velho não diz nada, nem os outros, estou á espera do quê? Se vier a bolsa muito bem, cá estarei, se não vier, farei outra coisa, eu até nem tenho carro, agora está tudo contra mim?! Avanço, nem que seja para a cama, sem grandes argumentos senão o de persistir, ainda que com dificuldades e alguns sucessos, o conforto de andar entre a gente e ouvir as pretas a falar e rir alto, falar com um inglês, que se está indo para a Nova Zelândia por vias do Brexit e a vontade de rumar de novo a casa para ver os pequenos e ainda pensando na América, em dar aulas, em dar produto e produção a um bolsa que em princípio virá, ainda que sem Net e TV, acolho-me à cama como se a rádio fosse a minha única companhia. E claro que o é.

Fumo o último cigarro, já não tenho mais bebida, tomo no dia seguinte um comboio para um lugar de minha mãe. Oiço uma entrevista do Mário Zambujal sobre o seu último livro, um homem que eu admiro bastante e que sabe estar, fala-se de literatura popular e António Aleixo. Finalmente, fui correr, deu o litro, mas podia ter dado mais, ando cansado mentalmente, a minha irmã diz que eu nada faço em Lisboa, o meu irmão diz para estar, pelo menos ainda mais uns dias. Telefonei ao pequenito, mudou de óculos e no dia anterior falei com a minha sobrinha, toda vivaça, fez-me sentir bem. Depois, percebi que, na gradação e graduação do sentimento dos povos e dos sujeitos, o português sempre optou pelo afecto, essa é a sua grande vitória, veja-se o brasileiro, o timorense. Por isso entende conflitos tanto americanos quanto iranianos, ou seja, é o homem do diálogo, está na periferia da América, da África, da Ásia e de outros continentes e, no entanto, também na periferia da Europa, mas, em certo sentido, não apenas geográfico mas também antropológico e filosófico, porque não, no centro do mundo. E não estamos na Idade-Média. Depois, passei por uma cigana que me disse a baixa voz: "Ó ganda boi, cobre-me!..".

Escrevia por instinto, por vezes ainda tinha lampejos de gênio, mas a filosofia tinha acabado com a minha vida, como uma maldição, um feitiço, eu em busca dos grandes mistérios do pensamento. Sobretudo, retirara da mente e do coração da minha mãe e do meu pai, as certezas com que eles precisavam para continuar a viver. Mas sempre os vi como apaixonados pelos porquês, pelo que não, a ciência social não havia retirado nada, apenas havia dado e o sentimento (social), chegara por acréscimo...

Ainda pensei, estar aqui dando palavras há muito tempo e ninguém me abordava para nada, não que eu quisesse isso, mas nem uma palavra de incentivo, a propósito de nada. Eu devia ser o melhor cientista social do país, mas estava além, como o Variações, não estava para aturar garotas, se a bolsa não viesse talvez fosse fazer outra coisa, Portugal continuaria, com ou sem mim, um país de gozo em que nada se leva a sério, nem sequer o património...

Na verdade, eu não era bem um Poser, mas atribuía essa característica a muitos dos meus contemporâneos. Desço ao Jardim e depois à rua. Sinto-me feliz ao andar até ao café, embora com lombrigas, pois vomitei toda a noite e acordo com um pesadelo, uma recuperação mental sobre um sonho bastante desagradável, que envolvia várias circunstâncias. Sinto-me um advogado de mim mesmo e dos meus, vou ao café e vejo o Paulão e o Luisão no vício, vejo Telma e o Ferrara, regresso a casa e acendo a televisão. Tomo um pequeno gole de bebida e penso em como sou feliz, nestas circunstâncias, tendo pessoas de quem cuidar, sentindo na ausência delas a presença delas em mim e a presença de mim mesmo nelas e em mim. Não me sinto especialmente forçado a fazer nada, faço coisas que me fazem escapar da dor e me inibem do excesso de prazer. Ainda assim, encontro satisfação ao estar perto dos passarinhos, piu piu. Afinal, estava preparando a minha vida pensando que seria Sábado e era Sexta-Feira.

Eram os tempos do Brexit e das manifestações pró-independência da catalunha em Barcelona. Isso pouco ou nada me dizia, mesmo Paris e França me dizia muito pouco, não tinha grande contade de lá ir, nem a Londres ou Roma, apenas ia vivendo fazendo as minhas coisas e desejando dentro de algum tempo estar nos EUA, por alguns dias. Finalmente, dei conta de uma solução para a falta de internet, telefone e têvê lá em casa, lá em biaxo, pedi uma segundo domiciliação do contrato do meu pai sem citar o meu nome, poderia até criar um perfil de cliente na net para o meu pai para que ele pudesse gerir todos os seus dispositivos e aplicações. E, se não havia problema, pois a fatura apareceria na caixa de correio, porque estava eu com problemas? Nesse tempo em que o Jordão teve um combate com o seu coração, que seria a sociedade, depois de tanto ter dado ao futebol e à arte pictórica e poética, nascia um bebé sem rosto. Golpe publicitário? Com que fins? Testar a sanidade da sociedade? Iriam eles reconstruir o rosto ao bebé? Como o médico deixou passar na ecografia? Se os médicos e dirigentes deste país não forem responsáveis ficam atravancadas as possibilidades de um equilíbrio em termos de qualidade de vida. A política é, mesmo, a arte mais nobre, e Sócrates volta de novo à baila com um processo um pouco parecido com pele de raposa curtida ao sol... Por isso o Poser é Po-Ser, político ser, Ser político... O processo na faculdade ia longo e doloroso, tudo erros meus no passado, falta de assumir certas coisas, certas ideias, à mistura com alguma falta de diálogo e participação. Agora, tinha de continuar esta prosa, mesmo que custasse... Sim, talvez devesse esquecer a filosofia e procurar um trabalho como consultor de recursos humanos. E começar, recomeçar, a escrever poesia. Procurava então viver a vida sem me tornar um chato e adiava um regresso a Lisboa, ante a recusa de uma escola em me recrutar como professor e as complicações da bolsa, passava entre os pingos da chuva em Riachos, sem ir a Pombais ou Leirena ou mesmo aos Coimbrões. Pensava por vezes em Viggo Mortensen e Charles Bronson, nos filmes que fizeram e que refletem uma certa maneira de viver. No fio das horas e dos dias ia estendendo a minha vontade, tentando por vezes evitar pensamentos porcos que tiveram em tempos e que ainda estavam presentes. Mas as coisas iam melhor... embora a tosse não me largue.

Então, como se estivesse desanimado, resolvi pôr a carne toda no assador, enviando os meus documentos biográficos (acadêmicos e profissionais) para um politécnico e uma escola secundária e insistir com os tipos da bolsa, que pareciam estar a fazer exigências fora do concurso, como se eu fosse manietado a toda a força, como se tivesse de provar tudo e mais alguma quando alguma coisa, de certo, tinha já provado. Acendi o lume, o meu corpo e o meu espírito precisam de uma companhia feminina. Fora ao café e o Colinas lá estava acompanhado de Hermengarda, "boa!" pensei eu, a melhor maneira de levar a vida para a frente é viver um belo romance...Por vezes ficava extremamente descoroçado: o silêncio do meu pai, como se ao lado do seu Nada eu construísse o (meu) Tudo...a minha mae estava mais calma e a pequenita progredia na escola, enquanto a relação com o meu cunhado melhorava e vivia numa espécie de estado telepático com a minha irmã e o meu irmão, sempre fora o elo de ligação entre eles...

Em tudo isto, sentia que merecia mais, mas procurava disfarçar uma qualquer tentação de humildade, eu não podia ser humilde quando já havia chegado bem longe e ainda queria prosseguir caminho. Depois, o sexo, é claro que pensava cada vez menos nessa componente, mas ainda tinha bastante desejo, bastante vontade, ainda estava inscrito no site de encontros, mas nada, ainda ia ao café da aldeia (um deles, o principal) a ver se via alguém, mas nada... Tinha um karma complicado, ali, retido naquela rua de uma aldeia quase esquecida, compensando a falta de ligação real a pessoas com a ligação à internet...

Ninguém quer ser objeto nas relações. Mas a não-objectificação do nosso desejo tira-nos o chão e arrisca a nossa mente nos territórios da loucura e desrazão. Um pouco quando alguém desaparece e o corpo não aparece...

As minhas relações estavam uma porcaria, em Riachos ia de casa para o café e do café para casa, não tinha carro, logo não podia, por exemplo, numa sexta à noite ou num sábado à noite, ir até Leiria, à Alibi, por exemplo. Ninguém passava por casa, nem mesmo o Danny, que eu via desaparecer da minha miragem de amizade ao longe, sem poder fazer grande coisa. Não podia ir atrás dele. Em Lisboa era a mesma coisa.

Chegadas as dez horas já me encaminhava para a cama, cansado de pensar e cogitar, de andar com o pensamento de um lado para o outro dentro da cabeça. Se uma qualquer servia para o instante, para ficar nem todas serviam. Se fora engenheiro ou arquitecto, talvez não tivesse esses problemas, talvez não sentisse (tanto) as coisas, o sentimento, a ausência de um corpo e de uma fala, de uma presença. Por vezes pensava em casar, mas para tal tinha de aprofundar as relações e eu não estava rendido à terra, nem a Lisboa o estava, o meu pensamento estava bem longe, na América, talvez por isso não se tornasse percebido o meu sentimento, devidamente.

Acordo sobressaltado, tudo vale, penso em vestir umas calças novas, mas vou às italianas, talvez porque me fiquem melhor. Daqui a quatro dias já estão em desuso. Penso nisso insistentemente, isto não é fraqueza, mas força. Estou ficando esquecido pela sociedade? Que espécie de provação é esta? Sempre à volta de mim mesmo e das roupas, isto deve querer dizer alguma coisa que não alcanço de momento. Acabo com os cigarros. Poser. Não é o que é. Não é o que parece. Não é o que os outros dizem que ele é. Estranha combinação. Como se não fosse factual, real, evidência face ao mundo. De manhã, a mesma sina. Lily mandou mensagens mas não ligou. Estou sem saldo nos três cartões de telemóvel. Sem internet. Sem TV. Preferia estar alienado, ao menos não saberia a desagradável verdade de ter de conviver comigo mesmo. Na rua, quando fui comprar vinho, uma espanhola diz "es el-Rei". Quatro miúdos romenos olham para mim de olhos muito abertos como se eu fosse um tipo importante. E até sou, em certo sentido. Gostariam muitos de estar no meu lugar. Só que não levo isso a sério. Coisas que penso, neste deambular à espera do resultado de uma tese, de uma bolsa, para que possa continuar a fazer qualquer coisa. Depois, resolvi deitar tudo por terra, a humanidade não merecia mais o meu sofrimento, resolvi tanto usar a minha arma letal quanto esquecer-me da filosofia, mesmo que estivesse para receber a bolsa, tanto esforço não tinha sido em vão e teria de sair mais um pouco para, no mínimo, poder dormir melhor essa noite. A raça humana estava-se dividindo em facções, e tudo por causa das mulheres, essas eram as maiores ditadoras, não os homens babacos. Fumei mais um cigarro, o apartamento estava arrumado e eu gostava dele. No entanto estava farto, não da casa, mas da vida que levava, mas já não tinha grandes energias, apenas me apetecia beber um café e ver umas caras bonitas. Até que, por fim, desisti, estava cansado demais, nem na cama estava bem, se fosse para Riachos de novo poderia descansar um pouco, mas se a má onda sobreviesse de novo, lá me sentiria mal de novo. Estava esperando uma transferência do meu irmão ou da minha irmã para poder sair à rua e ver o que fazer. Sentia-me verdadeiramente sózinho nesse dia, esquecido, ainda que, socialmente, a minha figura e presença tivesse relativa importância. Pensamentos disformes e líquidos, demasiado incomodativos, assolavam a minha mente, tinha apenas dez cêntimos, logo não podia telefonar, pois o mínimo

são catorze cêntimos. Ainda assim, a casa estava limpa e arrumada. Parecia um verdadeiro paraíso, sem TV e sem Net. Sim, saí de casa cedo, talvez me estivesse preparando para um emprego de professor ou mais alguma actividade na minha vida, nos meus dias, no meu quotidiano. Lá consegui resolver o problema do dinheiro solicitando um novo cartão, com o qual pude falar com a minha irmã e o meu irmão; este declinou qualquer ajuda, mas a minha irmã lá arranjou, depois de vários ralhanços, insultos e má-disposições, uns míseros dez euros com que comi uma sandes de panado, um café e um sumo, para além de ter comprado um maço de tabaco. Senti um rombo na consciência logo pela manhã, quando me preparava para sair de casa e acabei por voltar, depois de ter ido aos Restauradores e à Cidade Universitária. A situação ficou mais ou menos regularizada, da bolsa, notícias dela, nada, estava mais uma vez, até quando não sei, dependente da minha irmã, dos seus próximos dez euros. Nisto, o meu pai nada dizia, aliás, nunca me ajudou nestes anos todos, agarrava-se à sua vida tolhida como muitos outros o fazem, permanecendo estúpidos e burros. Mas também havia intelectuais endinheirados, nesse tempo. Sobretudo de esquerda. A noite em que Nietzsche dormiu comigo. Reconciliei-me com os meus problemas, depois de tanto procurar, pensei em Kierkegaard e Guatari, tinha explicação no dia seguinte em frente à Faculdade de Direito havia combinado uma explicação de português. Depois, quando fui à casa de banho, apenas para verter o meu ouro pessoa no mictório, pensei num novo título para uma nova obra, "A Inutilidade do Pensamento Útil" ou "Elogio (elegia) do pensamento útil" e lembrei-me que tinha uma inscrição pendente em economia na Universidade Nova...Depois, pensei, o melhor título seria mesmo "A Utilidade do Pensamento Inútil"... Depois, mais adiante, as gajas, depois de fazer merdas e coisas mais leves, começaram a vir ter comigo para lhes dar lições. Eu não as resgtaei nem nada, apenas lhes disse: "Tu andas a foder com quem calha e depois vens ter comigo para te dar lições?. Vai-te catar!..." Mulher é puta,. Porque se vende pela economia, pelo projeto romântico de um homem que a sustente. Sempre assim foi, sempre o será, mesmo com os transsexuais, tudo joga com isso nesta bela sociedade. Porque onde a mulher vê um prospecto de economia e rendimento, o homem vê um projecto, e é ela quem o atraiçoa.

Finalmente, percebi o seguinte, tirei a seguinte conclusão: o pessoal deste bairro precisa de muito mimo, de ser mimado com muito carinho, para aplacar os achaques da convivência e esforço diário para sobrevir e sobreviver. Depois, nessa manhã mais ou menos fria, vi em mim um estudante dos estados de espírito, meus e dos outros. E o que é a vida, o bulício diário, senão um estado de espírito, uma sucessão mais ou menos desordenada de estados de espírito. A uns somos presos e não conseguimos sair, noutros sentamo-nos confortavelmente como buda sem que nada nos inquiete...

PENSANDO E REMOENDO

Mais uma dificuldade em me levantar, sair de casa, não sei para quê, teria perdido o gosto em determinadas coisas, entre registo intelectual, de longas frases, e registo jornalístico, pronto a embarcar em mais um comboio para Riachos, não podia tomar banho pois estava com gripe. Tinha de me apressar. Tinha meia hora para levantar vinte euros, alçar a perna e marchar. Tiago Frostes indignava-se perante a solidão que o assolava, sabia que o prestígio social tem a ver com o controlo da libido e mesmo no recesso da mente, no vão da consciência, não se sentia o maior, mas também não o pior e, cansado de esperar, apenas queria descansar o corpo na cama. Pelo modo como era tratado, com muito esquecimento, não esboçava qualquer revolta, apenas se indignava com o que tinha passado e a maldade das pessoas que, quando conseguem, fazem inveja. Estranhos tempos esses...

Os dias iam andando, eu sem grande inspiração para este relato ou mais alguma coisa. Procurava arrumar os meus escritos dos últimos dois, três anos, ao mesmo tempo que contemplava, não demoradamente, a prateleira com os meus blocos de notas, seis A4, e uma vintena em A5. A minha saúde fraquejava, eu creio que me aguentava, ao mesmo tempo, bastante bem, em Lisboa, sem amigos, provava o fel de um sem número de gente que, simplesmente, tinha uma concepção de vida diferente da minha. Por vezes, pensava em voltar para Riachos, pois ao menos lá estava com os meus e os meus amigos. Mas eu tinha muita coisa ainda a conquistar, não que me sentisse especialmente atraído para isso então, nesses primeiros dias de Novembro...

Adianta, para além do que se concebia ser um Poser, coisa que escrevi acima, anteriormente, eu não era quem acreditava, não era sequer o que pensava que era, que seria face aos outros, aos outros anódinos e anónimos outros. Eu era qualquer coisa de fugidío, fugindo ao meu próprio corpo e sensções, enquanto a mulher do café de baixo se ria por uma coisa que eu não percebia nem queria perceber. Sim, era que não acreditava ser e não me preocupava essencialmente com isso, com a vontade de mostrar Ser alguma coisa. Talvez por isso não tivesse grandes amigos e passasse a

maior do tempo em casa, sem fazer grande coisa, ouvindo uma porta a bater do vizinho que não tinha arcabouço mental para coisa nenhuma, como muitos dos que vivem no século e quando acabam ainda por cima fazem uma festa... Depois, descobri o que essencialmente eu estava a fazer neste mundo, ou seja, descobri que a posse física pode ser posse emocional, ou até intelectual, posse sexual ou de bens, mas raramente é posse psíquica, senão entra em detrimento da saúde, a psíquica... Depois desta grande aventura, quando decidira não dar mais conta da Faculdade, tudo haveria de ficar bem, e, ainda que só, acreditava ainda, no fundo de mim mesmo, numa mulher que iria de aparecer, quando todo o resto se desmoronava, para mim e para os outros, enquanto muitos continuavam a brincar aos meninos, mimados, na maior parte e aziagos, outros, belicosos e raivosos outros, eu prosseguia, ainda que quase sempre no meu lugar, ignorando críticas e insultos, imporvérios e resrazões e procurava ser menos altruísta e, sabia, se não me tinham dado grande ajuda até então, não seria agora, antes pelo contrário, devido à grande inveja que me tinham, que o iriam fazer... Depois, pensei que as pessoas me tivessem abandonado apenas por maldade, pelo que deixei de investir nelas e em certas coisas, umas aéreas outras concretas, em que investira até então, apenas porque não surtiam efeito e eu estava realmente só. E comecei ganhando um certo brio e desejando voltar para Riachos. Outro, na minha posição e situação, teria abandonado Lisboa há muito tempo, mas eu continuava e não me surgia na mente outro lugar para viver, pelo que tinha eu mesmo de dar a volta à situação. Eu percebia então que muitos daqueles que vão para ciências sociais têm consigo, no íntimo do seu Ser, um sentimento de revolta contra o mundo, os outros, o mundo dos outros. Quem vai para filósofo também sente isso. E uma certa vontade de ascensão de status em termos mais ou menos lógicos. Eu sempre senti isso e só comecei a fazer verdadeiramente filosofia e ciências sociais quando me despeguei desse sentimento, porque isso nada era, em primeiro lugar, ser-se filósofo e cientista social, mas era apenas uma "COISA" que até podia ser benéfica, se bem interpretada. Assim, prosseguia o meu caminho, longe e ignoto de outros personagens, talvez ciente de que teria feito algo de extraordinário, mas voltava ao mesmo, sem dinheiro, sem carro, sem relação amorosa. Cansado. Mas continuava,

desta feita re-descobrimo Pitágoras, Aristófanes e Protágoras e ouvindo o parvo no Nilton no café da manhã. Não acreditava que se podia estar bem-disposto todo o tempo e isso nem sequer era verdade, para mim ou para os outros.. Eu estava extremamente cansado e ainda por cima ligava ao mundo, a gente que nada me dizia, que não me dava satisfação nenhuma e o meu humor oscilava de um dia para o outro, de uma hora para outra, em poucos minutos...

SEGU(I)NDO, CONTINUANDO

Será que o grande escritor sacrifica a sua vida à sua obra, em nome da sua obra? Não há um melhor de dois mundos, ou estamos fugindo disso, "coitado do homem", fez tudo sózinho e continua sózinho, com os seus fantasmas, com o diabo à costas, de que me serve tanta filosofia senão tenho mulher, se não tenho um gatinho, se chego das voltas sempre só e parece que esburaco na solidão um túnel, uma caverna, uma caveira, uma masmorra? Pedro Abrunhosa terá feito mais por uma certa forma de país, de pais, do que muitos académicos, que não arriscam a sair de casa sem motivo algum, porque o caminho é caminhando, parando e regressando a si mesmo, para trás, para o ventre da mãe, onde se está mais quentinho. Por isso gostamos de mulheres, por isso sou um hetero frustrado. Depois, pensei que a companhia certa para o Pedro Abrunhosa seria a Manuela Ferreira Leite e para o Lobo Antunes seria a Odete Santos, coitada, terá já morrido, há tanto tempo que não aparece. Depois, pensei num título ao invés de "Ser y Nada", de Jean-Paul Sartre. Seria "Ser y Todo", ou seja, um avanço pregressivo e irremediável no conhecimento, quando muitos filósofos são pessimistas no desvelo e fazem muita veneração chantagista...Sociólogo do Tempo? Merecer e Ser? *Give me a break...* Depois, o país vivia numa época de lei geral do entupimento, vá-se lá saber porquê, talvez em nome das meninas camponesas que precisavam de explicações privadas...Sim, tinha várias tarefas em mãos, perseguir o rasto do meu amigo que falecera, dar uma queca, continuar este livro, esquecer a vizinha do rés-do-chão, esquecer-me a mim de mim, esquecer o meu irmão e a sua competitividade teórica e, finalmente, passar-me para o outro lado, para um campo de plena realização e fruição. Só que isso tinha um preço, deixar a moderna e o sofrimento mais ou menos matinal, esquecer o meu amigo AarãO, que sucumbira de ataque cardíaco em plena Paris, não sei bem em que departamento. E eu restava-me a mim mesmo no apartamento em Lisboa e apesar do sofrimento, não queria deixar a casa, pelo menos tão cedo, pelo menos até que viesse o meu sobrinho, se viesse. Desejara nessa noite, ao delá da graínha na coxa esquerda, acordava derrotado, como que a rádio me comandava, como se eu tivesse sido hipnotizado por uma tipa

qualquer da M80 ou da RFM, ou mesmo da Antena 3, fica sempre bem uma merda refundida. Depois, no supermercado, a tipa vai, entro e diz logo "coitado do homem, que não tem mulher e ainda insiste nisso", "coitado dele, que não tem carro", "coitado, ninguém gosta dele e ao mesmo tempo todos gostam dele"... Sim, coitado, coitado de mim que tenho de ser o melhor, pelo menos da escrita e do falatório e trocava tudo isso por uma relação estável, uma vida descansada, que nunca a tive, coitado de mim, mesmo coitado de mim que acordei para a vida e percebi que até aos 41, como diria o meu pai, se não é ou vai o racha e eu continuei, correndo, na pena e nas pernas e assim já vou ganhando o dia, acordei, comecei a viver, bebendo mais ou menos, fazendo alegria comigo, mais ou menos, apanhando uma aqui e outra ali, fumando mais ou menos. Se não tivesse toque e não visse umas merdas seria talvez, como Tobias ou Éder, o maior, o mais santo, mas a que custo, ainda assim tenho uns pontos a apresentar porque, de resto, tenho uma vida para viver... Percebi que tinha de começar a viver, entre juízo moral popular e intelectualidade, dando uns pontos a um registo e outros a outro, sem me comprometer demasiado, sem assumir grande coisa, sem grupos, quase sempre a cada vez mais só, corajosa mas não orgulhosamente. Sim, coitado de mim que procurava e não encontrava, talvez não houvesse nada de mais para mim neste mundo, talvez tivesse ido acima e bem fundo em muitas situações, noutras teria sido complacente, e os personagens teriam-se-me escapado por entre os dedos como areia branca-amarela numa praia de Luanda... Erasure... muito bom gosto... Enfim, não sou artista, mas um operário da (técnica da) escrita. Quando a minha família havia desistido de mim, o meu pai, a minha mãe e irmã, o meu irmão, eu chegara ao zénite da inspiração poético-prosaica, ainda que não escrevendo grandes artigos científicos, chegara a verdades muito mais do que universais. Seria difícil, problemático, ter ido mais longe sózinho... Porque enquanto uns andam por ver andar os outros, outros são místicos, ascetas e eremitas, vivendo na caverna e ainda bem, a nuvem do não-saber alguma falta faz à saúde psíquica, se é isso que importa e não tanto a loucura, ou o elogio dela mesma, talvez apenas precisamos, neste mundo mesquinho e insignificante, de sermos loucos para sermos tremendamente felizes... Claro que, depois da vida que tinha levado, era complicado, de um momento ao outro,

ser capitalista ou *entrepreneur*, não era nada fácil, estava a meio da tarde, 15:52, quase morto e teria de voltar à vida, quantas vezes me senti assim e recuperei, o meu amigo Vítor não podia dizer o mesmo. Sem TV, sem Net, nesse dia não tinha recebido. Seria no dia seguinte? O que era feito dos personagens? Dera a minha caminhada, escrevera as minhas duas páginas logo pela manhã, não podia pedir muito mais de mim mesmo nesse dia, mas continuaria, com quase dois litros de cerveja e ainda ansiando por inúmeras coisas, a maior parte coisas e ideias que ainda não pensara, que ainda não abarcara, não concebera... Se eu ficasse a pensar nisso todo o tempo, não precisaria de fazer mais nada, andava de miúda em miúda, de emprego em emprego, de carro em carro, à frente da tese, tendo feito a barba para continuar e o meu discurso cheio de hiatos, de fugas, de vãos, na enésima obra sulcada ao Ser (benfiquista, por exemplo, mas já não tinha grande lucidez para uma estratégia e, sinceramente, sempre havia acreditado que tais itens não obedecem a pré-determinação, simplesmente acontecem, acabam por acontecer...

A LÓGICA DO DOTE

Diria que a *lógica do dote*, própria das sociedades primitivas, replicava-se em plena esfera liberal, pois para ter intercuro era preciso, se não se fosse, digamos, tarado, uma série de coisas, um capital simbólico e, mesmo assim, não haveria lógica em tudo isso. O amor não tem lógica e nós somos humanos. E que dizer da situação política? A esquerda grassava e eu, que nem era de esquerda nem de direita, envolvido no PAN, no LIVRE, no VOLT, no PDR, era ainda profundamente socialista pois me dava bom grado viver a vida de todos os dias, a vida banal e quotidiana. Semanas passaram sem que tivesse uma sincera conversa com alguém, por isso estava mais inspirado do que nunca nas letras e continuava a produzir, não sabia se iria dar aulas, se não, não estava especialmente motivado e o salário não ajudava em muito. Folheei um livro de Mafesolli, "Le Temps des Tribus". Ele dizia exactamente o mesmo do que eu. E ainda bem, não estava fazendo nada de novo, por isso podia descansar um pouco e gozar das flores, entre as quais as papoilas e beijhar os seios de uma mulher.... Depois, a lógica da batata, as primeiras pessoas que me deveriam dar apoio no que é um doutoramento, dizem que tenho luas e eu que me preocupo com questões que eles não põem a si mesmos, tenho de ajudar, mostrar-me interessado, apoiar, dar o beneplácito, o braço a torcer? Ligo ao meu cunhado e fico logo mal disposto, porque diz que ando com luas, e olha, não preciso de personagens para coisa nenhuma, cá vou levando este livro na maior, com mais ou menos sofrimento, à sombra do vitupério das mais diversas pessoas, inclusivé das de Lisboa, que sabem o que eu passo, e como a família me discrimina, inclusivé no lugar de Riachos, que eu deu significância história e antropológica, mas eu nem estou preocupado com isso, daqui a nada vou até ao Oriente dar uma volta no centro comercial e amanhã devo receber e vou comprar uma TDT para melhor ver TV e viver como que alienado das merdas que me andam a chatear a cabeça, "isto não está com nada", dizia o homem do talho, no entanto eu fiz a barba e sinto-me um homem limpo, livre e honesto, os norte-europeus vêm cá e acham graça a isto porque vêm evangelizar intelectualmente as pessoas, os portugueses, pois então, que aceitam tudo o que é vindo de fora. Por isso

estão sujeitos a muitas variáveis, nos termos da globalização e os outros, nomeadamente os chineses, pouco se importam. Estava ansioso pela bolsa, para não dar cartucho a ninguém. Mas o culpado da minha situação sou eu: adoração, isto é adoração pegada, desde o ISCTE à FCSH, desde as Letras à Católica, à Lusófona e a um conjunto de pessoas de que me vou lembrando e que nunca me liga e sabe que estou num processo delicado e ainda por cima chateia, regateando as suas questões mais mesquinhas e sem sentido nenhum. E eu tenho de compreender isso? Bebi muito? Estava cada vez mais interessado em saber o que se tinha passado com o meu amigo Vítor, enquanto ouvia o meu irmão condenando-me por um comportamento à mesa para com o meu cunhado, quando ele nem sequer me ajuda ou telefona e eu tenho de o adorar, só por ser marido da minha irmã? Nunca gostei dele, apenas o tolerei e sempre dei o braço a torcer, por influência da minha irmã e da minha mãe. Não quero nem saber. Agora, eu, que me encontrava só em Lisboa, passando semanas e semanas sem falar com ninguém mais do que dois minutos, tinha de ligar a toda a gente, apoiar toda a gente, quando passava fome e nem dinheiro para tabaco tinha? É lógico que qualquer pessoa na minha situação se entregaria à bebida. Mas eu não bebia assim grande coisa, dois litros de cerveja por dia, o que é isso? Muitos bebiam uísqui e eram adorados. É o sortilégio da vida social entregue ao acaso, no reino dos malucos, porque os são estão bem entregues e internados... Atrevi-me a fazer a tese, a esboçar um pós doc, a escrever bastantes livros e isso fere muita gente no seu orgulho, muita gente que me gostaria de ver retida num hospital, logo o antropólogo, mas isso nãoa conteceu, este Adelino não é de calar nem de catar, é apenas um homem como qualquer outro, tendo qualidades e escorço para ser superiormente maior e mais significativo do que qualquer outro, mesmo na sua mais ínfima fraqueza. Uma coisa eu sei, não sou Poser quanto à minha profissão, sempre quis ser antropólogo e consegui sê-lo, não o deixarei de ser, embora tenha bastantes e assinaláveis ambições filosóficas e sociológicas *tout-court*. Continuo a fazer sentido com coisas que não fazem sentido, estas pessoas, simpáticas umas e antipáticas outras que, quando vêm um antropólogo, sobretudo sózinho, atacam com ferocidade, como se ele pusesse em causa o seu modo de vida. A maior parte das pessoas é bem educada porque tem o

papo cheio, eu não reconheço nisso uma forma especial de vida. Poderia ter-me revoltado por causa da comida, da falta de afecto, mas fi-lo apenas porque estava a escrever uma tese, por motivos filosóficos. Essa é a maior chapada de luva branca, a minha maior cartada, que tendo sido reformado por invalidez, provei que não sou maluco, antes pelo contrário, revelei-me uma força motriz de toda esta sociedade, sem ganho aparente algum, mas com muita solidão e coisas desagradáveis acerca de mim mesmo. Tornei-me conhecido e têm-me, muitos, temos e nem sequer preciso de cultivar o físico para me defender de uma ou outra coisa, nem sequer preciso de advogado, defendendo-me rapidamente em muitas circunstâncias. Mas sou humano e em breve deixarei de lutar, porque isto, como dizia o homem do talho, "não está com nada". Depois, deixei de ser pessimista e concentro-me em coisas de interesse a fazer. Fazer. Tinha várias dívidas a três operadoras, como às finanças e ao Banco de Portugal. Sinceramente, não fazia tenção de as pagar, de tão injustas que era, é claro que fora eu que as contraíra, mas a situação evoluiu, a publicidade enganosa, a manietação, a publicidade agressiva. Apercebi-me que era eu quem anadava atrás das operadoras e então deixei de me chatear. Mais valia a TDT e uma ligação ocasional à net, com carregamentos. Não me chateava mais, afinal estava me marinbando para as telecomunicações, embora ainda estivesse dependente. Corria a Web Summit e eu via na rua jovens interessados em negócios e ideias, em ideias de negócio, quando eu nunca tive grandes ideias de negócio e talvez o meu negócio apenas fossem as ideias... Pensando seriamente na minha velhota, penso que a morte (pensando também em mim mesmo, mais ou menos preocupado, com mais ou menos vinho e cigarros), creio que a morte que é a anuência da ausência de vida (relativamente), não é tanto a coisa dos jazigos, mais ou menos históricos de há dois séculos, seja em Riachos seja no Alto de São João, para turistas ou historiadores curiosos locais, como aquele joranlista que falada do futebol português como se fosse o melhor (e não é?), na SportTV, sim, penso na minha velhota e é como as luzes e os interruptores, a morte, o meu pai sempre a desligar as luzes ("porque está a arder"...rsrrsrs), ou seja, desliga-se a luz como se deixássemos de ver (isto relativamente aos cegos tem que se lhe diga, mas mais relativamente àqueles que não querem ver), ficamos sem ver, às escuras, pensando no

que nos aconteceu, como que dentro da caixa...Eu já lá estive várias vezes uma pontinha e com essa pontinha (de sorte, obviamente), voltei para o lado de cá da vida... Sim, talvez fosse um Poser relativamente à actividade intelectual, relativamente às opções sexuais, mas era sobretudo, pelo menos naqueles dias, um Poser relativamente à identidade nacional pessoal, ou seja, em França era Português (espanholado), em Espanha era Francês e Português, em Lisboa era Português, Francês e Espanhol, por isso me chamavam o espanhol e eu sentia-me bem nessa pele, embora minha mentalidade ia ficando cada vez mais lusa. Estava a conseguir qualquer coisa e isso afastava de mim quaisquer pensamentos pessimistas e até a ideia de que me teria de esforçar por todas as maneiras e mais algumas para provar que era português, pois, creio, há muitas e diversamente quase infinitas maneiras de ser português. Se tivesse ficado em França? Talvez estivesse doido, cheio de guita e mulheres, de obras, mas doido (e eu que raramente escrevia na língua francesa), embora teria de gerar essa certeza, essa probabilidade, para que as coisas corressem bem do lado de cá da vida, porque o Vítor e o Charréu já cá não estavam.

A LÓGICA DO MOTE

Depois, cheguei de novo a mim mesmo e percebi que o mote era mota, ou seja, um twist na sobriedade agitada do fazer sentido psicótico e frenético da cidade. E como eu gostava disso! Do conflito, da altercação, da violência do mundo que constitui essência da natureza humana que muitos filósofos querem desanexar, numa visãodescontrutiva do mundo. O mundo e a sociedade precisam de quem construa, como o preto que trabalha nas obras, como o ucraniano que vem e volta para lá ou aqui fazer a casa e gerar descendência. A paternidade tem maior responsabilidade do que a maternidade, isso eu falo como tio, meramente, porque desgasta a mente pensar que só se tem uma mulher, mas também se desgasta quando se tem várias e ainda mais quando não tens nenhuma... Eu ficava demasiado calmo porque não tinha ninguém e aqueles que podia estar calmos e descansados por ter alguma coisa também queriam o meu que eu tinha e queria, o ser humano é sempre insatisfeito, sobretudo nas suas rumações. O sinal mais evidente disso é que eu ficava nervoso na expectativa do um encontro verdadeiramente revelador, por isso preferia as relações banais, para não me chatear. Podia arvorar-me de vítima, sobretudo face ao emprego e certos tipos que metem nojo a todo o momento, que não têm princípios e critério nas suas vidas, eu sempre tive,s empre sabia o que queria porque arrisquei escolahs e talvez tenha arriscado demais, muito mais do que os demais e ainda assim permaneço só, numa cidade onde tudo ou mais ou menos tudo se conhece ou se vem a saber... Ao mesmo tempo, deixava de ter essa mania de me aproveitar dos outros e das situações, para fins sexuais e outros do género, mesmo em relação aos meus irmãos, não dando sobretudo uma velhice descansada aos meus velhotes, que me tinham dado grande coisa, uma casa onde me podia permitir escrever e ter todo o tipo de pensamentos... Por isso, eu aprendia a ir além de uma lógica secular ou meramente religiosa, ainda que no dia seguinte me propusesse ir à cerimónia do Mórmons, pelas quinze horas, de modo a conhecer uma ou outra americana e isso podia perfeitamente constituir meio de ir para Hollywood fazer cenografias, scripts, estudos

antropológicos europeus que podiam doidos qualquer americana de boas mamas e grelos bem acintoso...Depois encontrei tanto tipo mortiço, mas que se preocupava com a queca acisntosa que perdi qualquer confiança na raça humana, fui despejado do centro comercial mas prometi voltar no outro dia, portugueses da merda, nem que os motivem não são capazes de me arranjar um mulher, poruqe, simplesmente, não há mulher alguma para mim nesta cidade, pois não estou disposto a colaborar com esta vida triste e mal ensolada, tenho asco a isto, pois em trinta anos não me deram trabalho e ainda me procuram incriminar por querer trabalhar, atirando pedras à janela e falando enquanto estou a dormir... Estaria para colocar o meu apartamento no airbnb, mas depois desistia e resolvi ir dormir, mais valia isso, e deixei de pensar na puta adolescente que queria que eu saísse do centro comercial, quando eu lhe dava crédito há bastantes meses e...nada. Depois, vi um povo reocricamente aberto, mas na prática asoluamente racista, sobretudo em relação a descendentes de espanhóis e emigrantes em França. Nunca seria feita justiça ao meu pai, porque eu não a queria para mim, apenas queria dormir e sonhar com o dia seguinte. Nesses dias, andava como se fosse um criminoso, sempre chateado com a minha irmã, a minha mãe e o meu irmão, depois ainda o meu pai e o meu cunhado, mas prosseguia nas minhas actividades, com ânimo invulgar, talvez único na minha existência, por vezes tinha uma janela de vontade para ir até às Américas, tirar umas ideias e talvez voltar, a minha personalidade era complexa e complexificava-se a todo o momento, meu cérebro recompunha-se a todo o instante, gerando sentido e genialidade que vertia em palavras. Finalmente, ao fim de mias dois meses sem internet nem TV e telefone fixo, consegui instalar um aparelho de TDT e no menos sentia-me acompanhado pela TV, desse por onde desse nas minhas investigações doméstico-fenomenológicas. Nessa noite cheguei a casa animado, com a voz grossa, desejando uma mulher, dormi descanso e logo planeei esperar até às três da tarde para ir ter com os americanos, a minha doença poderia ajudar-me nisso... Estava com fome e um cigarro, falei com umas miúdas no *chat*, o meu espírito estava lasso e exigente e tendia a esmorecer, mas eu resistia com nervos de aço. Depois, talvez estivesse, depois de tantos internamento, verdadeiramente louco e isso me desse para várias coisas, entre as

quais o sexo, dado a ausência dele. Via muitos tipo parecidos com o meu irmão e a Fernanda Serrano, parecida com a minha irmã, mas nenhum tipo parecido comigo, talvez apenas o Andy Garcia...mas isso estava muito longe, ainda pensava no escarçel do dia anterior no Centro Comercial, não lá aparecia tão cedo, em homenagem a um homem liberal, tinham-me expulso e eu estava revoltado por não ter emprego, não sou nem nunca fui um antropólogo manipulador dos outros e de suas consciências....E, então Frei Bartolomeu do Mártires era canonizado em Roma...Nesse dia, via pretos ricos serem promovidos, enquanto brancos pobres continuavam deslizando na neve, sem ter nada a ver com qas quecas que eles davam nas brancas e elas achavam bem e ainda por cima me chamavam de racista, bebés apaniguados a torato e a direito eu sem estar com uma mulheres há nove meses, para ser exato, este país causava-me nojo...outros seriam piores, ou até melhores, mas eu contiunuava sem emprego e contando os toistões que não eram meus, ainda sem discutir a minha tese...e sem probabilidades de dar aulas. Resolvi então, como no dia anterior, medirar, descasnar, pois que este tipos primitivos, apesar das descobertas, nada haviam descoberto...Depois, reparei que os meus excolegas e exprofessores não haviam dito nada desde há anos e isso significaria que eue stava fazendo qualquer coisa (de bom) no prolongamento da sua acçãoe discurso. A minha relação com o país e as gentes deixara de ser bipolar, ous eja, de repulsa e agradamento, para ser uma relação mais afectiva, mais efectiva, eu queria realmente fazer (grandes) coisas...e nem me importava ao desvelo de certas bocas que ainda me davam alguns...

RAZÃO ARDIDA

O meu espírito soçobrava, via os outros terem êxito e eu quase nada, com uma tese pronta há mais de um ano, continuava a estar sob a contingência de receber uma bolsa e entregá-la daqui a dois anos, paciência, mas também apenas iria corrigir os erros de ortografia, o conteúdo estava lá todo, de origem, senti ainda falta de uma mulher, de um afago e nada disso tinha. Quando fui levantar dez euros para comer qualquer coisa, um velho fez questão de ver o saldo para eu ver quanto ele tinha, dois mil euros, ou seja, depois até apertou os colarinhos, como se isso fosse grande coisa...

Nesta quinta, imita-se Hollywood, a ministra da cultura joga ténis com um jornalista ilustrando um programa onde vai falar. Quando se brinca assim com a cultura, já nada faz sentido, as pessoas, na sua maior parte, não levam a vida a sério., Talvez porque não tenham fibra para o fazer. O polícia diz que eu estava *queimado*, quando isso, face a outras culturas e contextos, mesmo em termos de revistas cor-de-rosa e do *jet-set*, pouco significa, ou seja, o que é certo para mim pode evidentemente ser errado para o outro, aliás, eu nunca estive verdadeiramente preocupado com o resultado das minhas idas às meninas, sobretudo porque -e nisso há muita inveja, face a uma vida licenciosa- sempre fui solteiro. Sim, estava a pensar em casar. Ter filhos não ia já a tempo. A minha sexualidade explodia ainda por dentro e a minha verdadeira voz -grossa e contundente- vinha ao de cima. Parei de enviar emails à secretaria da faculdade, não me disseram mais nada, em vez de pedir um reingresso no curso de doutoramento, candidatei-me de novo e só dentro de algum tempo, dois três meses, poderia ter a prova de ser estudante daquela universidade e, então, provavelmente, receber a bolsa. Mudei de roupa, fiz a barba e vesti as calças de fato-de-treino, desliguei a televisão e coloquei um dos últimos álbuns do Erasure, enquanto escrevia, quase cansado em degradé, estas palavras, sem internet, sem grande comunicação com o mundo lá de fora, na eminência de que acabasse esse álbum e voltasse a ouvir música lá do outro lado, no quarto grande, depois de ter chegado de Riachos, depois de ter tido mais alucinações e violentas obsessões sobre tudo e mais alguma coisa, depois de ter sentido o meu Ego deslocado de mim mesmo

e do corpo numa viagem de comboio, quando me apetecia ficar lá na Casita, como dizia o Rafael...o que era um luxo para muita gente, um lugar na aldeia para descansar e criar, também o era para mim. Ainda pensando na literatura, enviei "Transe" para uma grande editora. A minha tese estava quase toda dobrada para inglês e a minha vida ainda rodava em torno dos livros... Achava, para bem dos meus pecados, que tinha, como sempre, de sair de mim mesmo; quando muitos optavam por fazê-lo definitivamente, levando vidas mais ou menos superficiais, outros optavam por uma recusa do Mundo, esse mundo que eu, fenomenologicamente, sempre queria descobrir e que era o meu segredo para ter chegado a meio da vida, além, se me permitais dizê-lo, além, em certo sentido, não apenas meramente do poético, de Dante. Mas tinha de sair de mim. Enquanto muitos optavam, relativamente, por ficar em si mesmos, ensimesmados, como se tivessem o rei na barriga, eu não era assim tão ambicioso, por um lado, mas por outro até o seria e não pouco desmesuradamente, pois sentia dentro de um uma liberdade ao mesmo tempo que um grande espírito competitivo, em termos não só de performance meramente sexual, mas de ideias, comparações, ilações mais ou menos análogas a um certo estado de espírito superior, quase transcendente, como se, entregue a todo o tipo de metafísica, eu fosse o soldado universal dessa metafísica, destacado no futuro para poder voltar e avisar os outros. É o que acontece quando se está só: ou se olha para o umbigo ou se prossegue, como que indo para Compostela, percorrendo uma vida, um Caminho, uma ilação firmada na anterioridade do Ser mais ou menos placidamente vertido na contemplação de um rio, sob a ponte. Nisto tudo, eu sonhava novamente em ter uma escola onde pudesse passar o dia. Ao mesmo tempo, queria ir à América, claro que queria, mas optei por ganhar algum dinheiro por cá, nem que viesse a dar aulas numa faculdade, para realizar esse meu sonho. Queria crer que não estava mais uma vez numa espera sem fim, isto para falar do doutoramento e das coisas que o envolviam. Continuava sendo um poser e alguns diziam que eu tinha duas caras, mas sentia-me extremamente verdadeiro ao caminhar no passeio ou mesmo a meio da estrada, quando não vinham carros. Há cerca de duas semanas que não conseguia escrever senão pequenas frase, para alguns bastantes enigmáticas. Mas porno, nem sempre estamos no meio do

contexto... Andava, por um lado menos tenso, doía-me menos a cabeça, à noite, não me custava essencialmente muito mal levantar-me de manhã, mas tinha de puxar por mim mesmo procurava sempre motivos, ainda que parcamente inspirado, para ser feliz, não digo contente, mas feliz, porque afinal, não trabalhando oficialmente, a diversos e importantes lugares havia chegado.

O Corpo do Escritor

O corpo do escritor é uma variação do tema do bode-expiatório, ou seja, o sofrimento em terno e a favor de outrem, de uma visão da vida eminentemente nobre. Ele é um corpo social, que pertence a todos e, como o padre, não pertence a ninguém. No supermercado, o homem do talho não gostava de mim, atirara várias bocas a meu respeito, e as duas mulheres que estavam com ele também não gostavam de mim, não se pode agradar a toda a gente e quem o faz de algum modo é incoerente consigo mesmo e com os outros que gostam dele. É a teoria da moeda, que eu já avancei em diversos dos meus escritos. Há sempre uma face que substitui, que alterna outra, na vida social. Andava de um lado para o outro nos corredores da casa, ora oscilando na vontade de ir até à rua ora ficando, mais e mais cavando qualquer coisa que ora me punha abaixo ora me elevava. Telefonei à minha mãe. O encontro com Moacyr estava em risco, não iria para Setúbal sem mais nem menos, depois do que ela me havia dito no dia anterior.

E, então, procurava vencer os meus medos, não tinha vontade alguma de sair de casa, decidi quebrar o imbróglio da tese e da defesa da tese e decidi pedir a discussão pública da mesma, mesmo correndo risco de ficar sem bolsa, porque isso me impedia de ficar mais três anos à espera e eu não aguentava, pelo que vi do ponto vista prático um homem com um canudo na mão e o que poderia fazer ele com ele. Praticamente uma semana em casa, resisti com ânimo elevado e decidi não mais sofrer, por isso resolvi entregar o pedido de audiência pública da tese. Talvez por estar vivendo, com vinho ou sem vinho, não tinha grande inspiração para escrever. Talvez porque estivesse vivendo. O que acontece? Mais um fim de semana em casa, em Lisboa, na casa de Lisboa, como se estivesse mandando no mundo ou estivesse pensando por um qualquer crime. Existir? Persistir, continuar. A minha neura era enorme e tinha imensa vontade de dar uma queca. Telefonei para casa e a pequenita atendeu, não iria a casa porque por Lisboa tinha algumas coisas por fazer e também não queria chatear os meus, lá em Riachos. A vida, a biografia, não é uma árvore, é uma construção e nem sempre o homem consegue reunir os materiais e as ferramentas para o fazer, sem que antes perceba que está realmente vivendo. Aprende-se a viver vivendo e árduo é o caminho do justo, mas a consolação de ser um homem bom é quase nihilista,

ultrapassando a sua filosofia, noutra sentido, pois prevê que o homem pode ver a sociedade também ela como uma construção, não só em sentido horizontal, mas também vertical e até diagonal, como acontece com alguns pensamentos quando tomamos Quietiapina.

Nhó Nhó Zá Zá

Pensei em ficar mais uns tempos em Lisboa, talvez devido ao mau temperamento do meu pai, mas tive, a meio da tarde, um forte e estonteante desejo de voltar a estar lá, em Riachos, que não era a mesma coisa sem mim, acontecesse o que acontecesse e estar perto da velhota, mesmo que ela me tratasse mal... Depois, no Secret Story, cada um era mais estúpido do que o outro. E eu pensava na minha infância em Riachos, que não tinha sido grande coisa e nas pessoas que davam importância ao momento e as outras que davam importância à saudade... Portugal é um país que dá mais valor às profissões manuais, por isso adora engenheiros e arquitectos. Por isso nunca mais sai da cepa torta e da bebedeira coletiva. Nisto tudo, penso: o que é que este país me deu? Digo mais, dei-lhe muito mais do que alguma vez ele me pode dar... A cada passo que eu dava, a faculdade só criava problemas, na figura da responsável pelo doutoramento e outros que mais, entre os quais um velho professor que me abordara por duas vezes, como se eu fosse um revolucionário anarquista, como se não desse conta de mim, como se não soubesse onde estava, como se não frequentasse a cidade universitária há mais de trinta anos, muitas vezes só e sem pancadinhas nas costas. Não sentia prazer especial e vir aqui, a este lugar, escrever, quer porque tivesse desencantado, quer porque qualquer acção era quase sempre fruste e inútil. De modo que resolvi não teimar e regressar de novo a Riachos para, pelo menos, descansar um pouco. Talvez lá viesse a continuar este escrito. Jogava-se o Sporting da Covilhã-Benfica e eu ainda tinha desejo de ser graduado como Doutor, au-delá de Fâncio Vrera, um conhecido que se julgava melhor do que eu, em termos de defesa, só por ser Doutor, quando quem tem seguidismo e fácil mente acaba, sempre perpretando nesse aspecto, por conseguir aí chegar, se é caso de conseguir, de chegar e ainda assim não sabe ver um relicário religioso e tem estreitos horizontes, nem sequer ouve um Haydn numa circunstância de tudo perder enquanto ganhando, tudo ganhando enquanto perder... Enquanto isto se passava, Portugal tinha ainda um Europeu para jogar, enquanto o mundial seria daqui a dois anos, creio, talvez Ronaldo estivesse ou viesse a estar em forma nessa altura, podendo catapultar Portugal para uma vitória e eu acreditava nisso...

Isto já não era vida, esperava e desesperava por uma resposta satisfatória quanto a um grau que podia dar azo a dar aulas, depois de andar a saltitar entre operadoras de telecomunicações e, sinceramente, pensei em voltar, finalmente, a Riachos, a minha solidão e dor de cabeça eram consideráveis e eu até ia pensando em deixar de fumar, não desistia dos meus intentos, mas tomava uma atitude nova, mas calma, menos estrionicamente intelectual.

Preparo-me para ir de novo até Riachos. O meu aspeto não é lá o melhor. Apenas preciso de comer qualquer coisa e apanhar o comboio, é feriado, não sei se haverá. Ficar por Lisboa mais um fim de semana, na expectativa de receber na segunda-feira, será sempre a mesma coisa, fechado em casa, deprimido. Mas não estou de espírito em baixo, nem sequer muito obsessivo. Parece que ganhei quase imunidade às críticas que recebo todos os dias por ser uma figura quase público. Alimento secretamente ainda o desejo de obter o tão afamado diploma que me permitirá sair de uma situação de quase sem-abrigo... Andava eu nestas coisas, e há quase um mês não ia a Riachos, é claro que ligava à minha mãe todos os dias e ela parecia-me mais apagada, mais longe de mim, mas ainda me ouvia e estava lúcida. Na segunda-feira, depois de ter comprado duas estantes para pôr livros, uma no corredor outra na Salinha, estive mesmo para apanhar o comboio e havia de ficar ainda bastante relutante nessa noite.

QUARESMA

Toda a gente sabia quem eu era, onde vivia, o que fazia, tendo condições mais do que perfeitas para ter uma relação. Mas ninguém ousava falar comigo, parecia isto uma reposição do que se passara com o Vítor. Ou então estaria tudo espartilhado e eu não tinha visto nada, mas persistia. Agora iria chatear-me porque não tinha namorada, digamos, figadal? Acho que a maioria delas estava ocupada por tipos que almejavam o poder e faziam tudo o que lhes mais apetecia, sem perspectiva ética alguma... Sou daqueles que acham que o culpado de tudo isto, deste estado de coisas, é só uma pessoa, o Moniz e outra pessoa, o Balsemão, ou seja, toda a gente olha para a televisão, até aluados e doentes da mona, mas ninguém tem coragem de se humilhar, de rejeitar qualquer coisa que seja o lucro à custa de uns e outros e isso quem tem a culpa são as pessoas, o povo, vá-se dizer, porque alimentam quem os alimenta e por isso ficam deprimidos nos seus lugares de sempre. Mas continuam a praguejar, como se não fossem culpados. Esses do povo, que nunca estiveram num seminário e nunca estudaram além do que é preciso, de quem eu recebo críticas amiúdes em plena Lisboa, sendo que recebem bem mais do que eu da segurança social e afins... Sim, a literatura (estritamente literária) vive das relações e eu sinto isso, que se não sair e vier a ver gente, acabo por definhar. Mas acho que vivemos uma sombra da vida que somos, a nossa lua é essencialmente, como a vida, nocturna e aí se gera o maior conhecimento e entendimento das coisas transcendentais e memoriais. Diria até imemoriais. Acho mesmo que o pensamento não existe, que existe um corpo que é mansão (a bem ou a Mal) de um espírito, mais ou menos errante, mais o menos ditoso ou desditoso.

Sem inspiração. Com muitas ideias. Vivendo feliz. Só te queres sentir feliz e recusas a trsiteza e melancolia? Não sabes que, desde os gregos e bantus, uma coisa leva à

outra? De resto, enquanto a minha saúde melhorava, não estava disposto a dar de barato. O número de inimigos, a maior parte querendo a minha morte, a maior parte invejosos inveterados, em vários círculos, não estava disposto a dar de barato face a uma pessoa que me colocava obstáculos por tudo e por nada, acabando por gozar com a figura de um antropólogo. Isto fazia-me pensar que eram fracas as pessoas que estavam nas faculdades, a maior parte delas, imiscuindo-se com o que é a concepção de uma instituição de ensino. Não estava, pois, disposto a vender a alma ao Diabo...Mesmo em relação às mulheres, desejava quase constantemente o amplexo e brincava na minha mente, com a minha mente, acerca de como e na circunstância de o fazer, sim, a havia regressado a Riachos e ao meu estúdio e felicidade era uma porta escancarada e eu até me sentia privilegiado, ao mesmo tempo que puxavam por mim e eu puxava pelos outros. Era um triste? Talvez, segundo alguns critérios, mas como havia provado o fel da infelicidade e da morte, preferia o mel de estar vivo, pois acreditava que, mesmo em Portugal, quando se é vivo tudo por acontecer.

Entretanto, nesses dias, o grande psicanalista português acabou por morrer a caminho do hospital, devido ao fumo e sua filha levantava o reclame face às condições dos serviços médicos de urgência, mas eu ainda sonhava com Nova Iorque, enquanto o meu pai andava ainda ocupado com mais uma casa. Não tinha grande desejo de alterar os meus planos, estaria lá, um dia, mais cedo ou mais tarde, nem que fosse apenas por dois dias, um fim de semana, não vejo porque é que não haveria de o fazer, ao mesmo tempo que não tinha especial vontade de conhecer Londres para tal, embora Paris me voltasse a seduzir de novo...na figura de uma mulher, claro, e creio que a filosofia, afinal era apenas não tanto um (grande) saber, mas uma mais forma de sedução, de mulheres, de homens, de seres embrulhados uns nos outros.

Entretanto, os meus velhotes lá iam indo, a relação com o meu era absolutamente telepática, claro que ainda pensava dar aulas, pelo menos até aos 65 e a vibração do

dia viera com um tema de Nelly Furtado... Se queres dinheiro vai ao banco, se queres dinheiro vai à lota. As críticas? Apenas nos dão força num caminho que pode ser a busca da perfeição e isso pode ser, de uma maneira ou de outra, equivalente a um vício bem entranhado em ti. Anões a falar de trás prá frente. A minha vingança pessoal seria não investir mais num doutoramento que era tão óbvio quanto difícil, enredado, não tendo muita vontade de ir às faculdades, ficando sobrevivendo e sobrevivendo numa certa dimensão metafísica do Eu. Podia ser, assim, dando um tempo, que ele viesse e eu tivesse finalmente o meu lugar para dar as minhas aulas e trabalhar ainda uns dez ou quinze anos. Digamos que tinha ganho algum tato e experiência e seria mais do que justo verter tudo isso em proveito de outros, ainda por cima ganhando um salário que me permitia viver mais ou menos bem e comprar livros e blocos de notas. Assim, a minha aldeia merecia ser elevada a vila, era um pouco como Vermont ou Riachos, num caso um lugar existente do outro lado do atlântico e noutro um lugar imaginário que radicava geograficamente num ou noutro desejo de percorrer o país profundo tal como Alberto Giacometti. Fiz a lareira, arrumei os livros, percebi que trabalhar em equipa não era estava chateando os outros todo o tempo, mas saber estar numa certa gestão do silêncio e sentia-me agradecido por ter uma família que ainda me apoiava, não efusivamente, porque também estavam cansados, tal como eu estivera na flor da idade. A filosofia do engano e da ilusão, era o que nos faziam crer. A grande interrogação, nesses tempos de toca e foge era a seguinte: vale a pena ser-se Bom face à contigência? Muitos faziam uma filosofia da brutalidade, quando a culpa seria dos professores, que aceitavam tudo e mais alguma coisa como aluno, enquanto eu, ali bem próximo, tinha de me debater contra uma aventesma intelectual, que não sabia o que era a antropologia filosófica e vivia parada no tempo, como muitos, no tempo do senso-comum, no presente, perdendo ou ganhando o seu tempo no gozo de um antropólogo. Sim, eu havia dado mais do que muitos, mais do que podia e talvez tivesse mais do que muitos, talvez mais do que todos e qualquer um. Por isso me tinham inveja e eu grassava naturalmente na noite ou no dia, consciente do que conseguira, sem grandes palmadinhas nas costas, sem grande afago de mulheres. Detestava esse país que tarde em (se) fazer justiça, anquilosado, triste, só em nome

do deixar viver. Mas pronto, eu tinha paciência e sabia que noutro tempo havia seido pior...

Estava farto de ser um saltimbanco solitário, queria as minhas aulas, o meu trato, o meu tratado, o meu cargo de professor, mas optei por dar um tempo, porque o impacto e a contundência do que sugeria, era bastante grande, bem maior do que nas ciências exatas ou mesmo sociais...

A vida é como o futebol: uns estão para disfrutar, divertir-se, enquanto outros são resultadistas... Depois, passei a dar mais importância ao facto de ter um irmão e que em muitas coisas ele era superior a mim, bem como a minha irmã. Ali estava eu, de novo à mesma vida, com os meus pais e nada de especial se passava. Outros estavam no café horas e horas e eu por casa, tentando levar adiante este livro, sem grandes ideias, mas ainda sonhando dar aulas, pois sabia que quando isso acontecesse, o meu âmbito se iria levantar de novo. Tinha estado com uma negra nesses dias, fazendo com ela um trabalho para um curso de formação que ela frequentava. Dormi a meio da manhã e estava um pouco mal disposto, mas nada eufórico, bastante calmo e sossegado. Danny nunca mais dissera nada e eu ia-o esquecendo. Há pessoas assim; eu havia-o ajudado na sua provação e ele raramente se havia mostrado solidário comigo, quando estivera bastante doente e mesmo durante o doutoramento. A troca de impressões que tinha com ele em tempos, aliás, desde sempre, cessara e sei que nunca mais seria a mesma. Entretanto, nesses dias, morria o ator José Lopes, meu antigo colega no ISCTE...

A coisa estava pelas ruas da amargura: em Riachos não tinha senão os meus pais, ia ao café e não falava verdadeiramente com ninguém, parecia que todos seriam meus

inimigos; o mesmo acontecia em Lisboa. Folheava um livro de Filipe Verde, "O Homem Livre". O cheiro e ar a morte pairava sobre nós, só faltavam os corvos, o meu pai chegava do café, a minha mãe andava sempre atrás de mim para ver o que andava a fazer, se fazia alguma coisa de mal. Claro que havia falta de animação em Riachos, mas a povoação era o resultado dos seus habitantes ou de um certo estado de espírito, um torpor quase mortal que nos arrastava os pensamentos para a cova. Um desses dias teria de ir ao cemitério ver o meu amigo Charréu, que morrera em Paris de ataque cardíaco...

Sem inspiração, sem grandes ideias, o meu espírito não quebrava, apetecia-me um pouco ir dormir, mas resistia até à noite. Os trabalhadores da câmara vieram limpar as ervas do passeio. Com um deles tinha mais familiaridade e o tipo de conversa que não se tem com mais ninguém. Faltavam mulheres na aldeia, desde sempre, desde que eu me lembro. Mas isso era um pouco o mal do país, um certo Mal de Montano... A solidão e o pretensiosismo filosófico tornam-nos pessoas melhores, mas também difíceis de aturar e algo misóginas, quando o que passa a interessar é apenas a nossa visão da vida... Afinal, é a dádiva que nos torna eternos, porque aí entramos no circuito infinito da vida (do) social...No fundo, ainda falando da minha pessoa, estava sempre procurando como viver, o que não quer dizer que estivesse vivendo, mas quer certamente dizer que *estava* vivendo. Portanto, o facto de não ter trabalhado nestes anos todos seria aplacado pelas obras que tinha escrito e pelo doutoramento, embora as duas coisas não tivessem sido realizadas em toda a sua extensão. Depois, pensei, Danny talvez tivesse deprimido, bastante deprimido e não me quisesse, de certo modo, "contagiar", talvez eu fosse, em todo o sentido melhor e mais forte do que ele e ele (mesmo) tivesse uma certa cerimónia em falar comigo....Não sabia, pensei nisso... Parecia que, comigo, o caso era nestes termos: imitavam o meu comportamento mas ao mesmo tempo gozavam comigo, algumas pessoas, porque nem todas eram assim. O meu pai pouco falava, nunca tinha sido basto em palavras, neste paízinho pequeno onde o eco de todas as coisas é logo des-conhecido do Minho ao Algarve. Onde é fácil, bastante fácil ser-se mau, mas bastante mais difícil ser-se bom...Havia pouca gente que falasse abertamente da sua vida, dos seus sentimentos para com o mundo, como

eu, nesses tempo de um governo de uma Geringonça e ainda por cima, talvez sobretudo por causa disso, fosse censurado. Eram pessoas que, antes de mais não pegavam num livro sequer para o folhear, quando mais escrever um texto...

A religião, felizmente, dá-nos a ilusão de que, quando o mundo soçobra, está tudo bem, ainda assim; talvez seja o caminho mais próximo da filosofia e da antropologia e isso consola-me bastante...Sim, talvez fosse desistindo da América, ou talvez alimentasse por outro lado, um desejo louco de lá ir, desse por onde desse, mas estes daqui gostavam de mim e eu sentia-me bastante responsável e a pouco e pouco ia lidando com as contrariedades da vida, que seria a falta de um grande amor, quando talvez os tivesse com Lilly e Madalena.

Eu ainda era um bom partido para muito boa mulher, mas não me importava muito com isso, não estava cego quanto a isso....

A vida desenhava-se assim e eu hesitava antes de ir a Léria ou a Pombais, andando um pouco sózinho em tudo isto, lembrava-me que queria ficar por cá, aguentar isto que se passava comigo e esta gente que era a minha, porque gostavam de mim e ainda queria ter a minha turmas, as minhas turmas, fosse no ensino secundário, fosse no politécnico e superior, porque, afinal, havia furado a teoria como um balão de água e agora, finalmente, estava tudo bem...

Ainda tinha comigo a paixão dos tempos iniciais, talvez agora mais branda, estava mais atento, não era menos forte do que antes, apenas menos fulgurante e poderosa, coisa que eu queria conservar para que não desaparecesse nunca da minha vida, do meu horizonte, dos meus dias.

A sexualidade é sempre uma construção social, algo que não podemos evitar, coisa que não podemos controlar. Raramente alguém é hetero ou homo toda a vida, tudo depende das tarefas e da maior ou menos capacidade de aceitação de que precisamos ao longo da vida, tudo isto relacionado com a falta ou a existência de sucesso pessoal e profissional, coisa que está inevitavelmente relacionada com (a necessidade de) o status e os movimentos de vagas das sociedades, a um tempo mais hetero, a outro mais homo, tendo em conta também os grupos de pressão (política) tais como a tradição hegemónica e os lobbys mais ou menos gay. Para além de ter que lidar com

isto, lidava com muito mais, sobretudo com a falta de diálogo das pessoas de Riachos e com o mau feitio da minha mãe, ou seja, para ela nada do que eu fizesse estava bem e a minha irmã enchia-lhe a cabeça de coisas sobre mim, quando o meu cunhado e o meu pai nada ou pouco diziam. Imaginem a minha tristeza, estar ali, só, sem que nada nem ninguém me pudesse consolar e ouvir. Meti-me na cama e adormeci. No dia seguinte estaria de novo em Lisboa. Afinal, não fui no comboio, deixei-me ficar. O consolo de estar, à tarde, na cama, era grande, junto à sensação das sete partidas futuras como professor. Estive com Danny e com o meu cunhado e como que lhes pedi desculpas por assacar a eles coisas que eu simplesmente não tinha competência para fazer por mim. O meu ânimo, antes levantado, baixara de novo após uma saborosa sesta. O lume da salamandra na sala havia-se apagado. Não havia aparecido no café para pagar um copo aos cantoneiros. Teria tempo amanhã. Pensei em colocar um anúncio pedindo mulheres para Riachos, para estancar a sangria de gente. Os meus amigos estavam, como sempre, por aqui. Eram onze da noite e não conseguia dormir. Mais uma insónia. Os velhotes e a pequenita já estavam deitados. Não conseguia deixar de pensar no entendimento entre mim e Danny acerca das coisas intelectuais, a nossa relação era quase amorosa, pelo menos da minha parte...

Estava ao ponto de não escrever nada e viver a minha vida sem dar conta de nada a ninguém, dormir descansado com os pensamentos, pois após uma ou duas teses e tantos, tantos livros, não via o fundo ao tacho. Levanto-me. Apesar de tudo o que tenho enfrentado, sinto fazer jus ao meu nome. Embora o meu espírito por vezes soçobrasse e me sentisse fraco pela manhã, começava a ver, mais do que uma luz um caminho. Podia receber a bolsa para aperfeiçoar a tese e tendo um *endroit* onde me delocar várias vezes por semana, a faculdade e continuar os meus estudos, sendo que em certo sentido era um privilegiado, por mais dificuldades que tinha passado. Danny havia aberto a janela de manhã e preparava-se para as aulas, soube isto porque à hora do almoço já estavam fechadas. Tinha de pôr em mente que isto era apenas um livro, isto era apenas uma tese, entre muitas, infindas e incontáveis, isto era apenas um lugar de professor de filosofia no liceu dali a uns meses. Podia, enfim, dar as minhas aulas, pelo menos mais alguns dez anos, ter ali a minha "coisa"!...

Não me apetecia fazer nada ou ia fazendo qualquer coisa para não passar um atestado de burrice a mim próprio, mas era óbvio que tanto me sentia melhor quanto tinha um intento claro. Em vez de regressar logo a Lisboa, passei mais um dia em Riachos, essencialmente por falta de vontade de ir para Lisboa, embora lá tivesse várias coisas a fazer. As personagens surgiam na minha órbita mental de quando em vez, tinha cada vez mais gosto de viver, embora despertasse muita inveja, talvez por causa disso. Talvez pudesse ter um contrato de cinco anos com uma faculdade, o que levantaria um empenho maior, mas depois reformava-me verdadeiramente, talvez para continuar a escrever. Ou então faria uns anos mais num liceu ou escola secundária, podendo ou não dar o salto. Depois, notava que me esforçara mais do que era preciso, mas essa era um pouco a maneira de eu fazer as coisas. Na perda, dar tudo. Uma coisa é a realidade, um turbilhão, outra a tua perceção dela. Por vezes, desejas nem sequer ter acesso a ela e ficar na "tua". Depois, o Colinas pareceu estar pior, nem podia estar no café. Mas nada nem ninguém me impediria de escrever.

Tinha uma certa vontade de chegar a Lisboa, cheguei a odiar o Colinas, o Danny não conseguia odiar, por muito que ele merecesse algum ódio, afinal o pinguim (café orchestra) era eu... O único banco de Riachos fora embora, apenas lá ficara uma lembrança, uma caixa de Multibanco que para mim não funcionava... Era a época em que eu editava, talvez sobre a melhor editora nacional, "Transe", numa tiragem de mais de mil exemplares... Enquanto isso, esperava que tal (e mais alguma coisa) não impedisse o meu doutoramento. Era a cereja no topo do bolo, aquilo que podia dar aos meus pais...ao meu país... Por vezes, quando caía a noite, sentia-me soçobrar. E entrava noutra registos, de resistência. Mas lá estava, o Pimentinha, bebezito encharcado, tal como o meu pai, em frente à televisão, fazendo força para não cederem nada, como se tal fosse uma prova de masculinidade, ou seja, não tinham tido, ambos, coragem para falar dos seus sentimentos.

E assim estava, ninguém vinha ter comigo. Depois de tanto tempo, ainda tinha de ser eu a ir ter com os outros. Não era assim tão triste para mim quanto o era para com

aqueles da religião e da antropologia, da filosofia. O mundo e a sociedade estavam assim. Sozinhos e nem disso sabiam. O conhecimento teórico reverte a favor do mundo presente, o teórico a favor do Outro num mundo futuro. Um tem aplicabilidade, outro aplicabilidade mais adiante e sabedoria no presente. A sua aplicabilidade depende da sua comunicabilidade. Ainda pensei em várias maneiras de ajudar a minha irmã e o meu irmão, assim como eu havia sido ajudado da melhor maneira, com dinheiro, até de Danny e Agnès... Podia ter várias ideias e ia de par com elas, tentando realizá-las, ao mesmo tempo que procurava deixar de pôr toda a carne no assador quanto à faculdade, já o mesmo não digo em relação à tese. "Transe" iria ser publicado e talvez viesse a ter um spot televisivo de alguns minutos... Assim, o comboio da minha vida, andava a duas linhas, ora afinando uma ora outra, ou seja, ora a escrita literária, na sua grande parte, ora a vida académica, que postergava no futuro...

Depois, mais adiante no magma de tudo, lembrei-me que podia fundar um movimento filosófico, chamar-lhe-ia personalismo existencial, combinando Mounier e Camus, bem como Sartre e mais alguns autores católicos...tinha de registar a patente na internet através de um blogue...Depois, lembrava-se de Brígida, que reaparecera no café Central. No outro dia, estando com Manu, ela passou por nós e saltou borda fora para vir ter comigo. Creio que me queria convidar para ir até à praia, rebolar nas dunas...Não forcei a barra, estava um pouco entredote, mesmo que Flávia se fizesse a mim enquanto me servia um belo café do Militão...

Então, nesse dia, desisti de estar dentro do inconsciente coletivo do meu país. Também desisti de fazer uma capelinha, no mesmo dia em que havia fundado uma

corrente de pensamento, o personalismo existencial... Assim, nesse dia fundei duas correntes de pensamento: para além dessa, outra, com a designação de existencialismo visual e fenomenológico...perdão, já não me lembro, existencialismo virtual e filosófico, óf óf óf, nha nha nha sa sa sa...existencialismo visual...não me consigo lembrar, mas deixei o meu contato e deixei, nesse dia, de ser um emplastro mais ou menos filosófico, mais ou menos real ou existencial...Minutos depois, fuamndo um pouco com um pouco de vinho, dei conta de "Capitalismo e Moderna Teoria Social", de Anthony Giddens. Esquecera esta obra no meio das minhas e das dos outros...

Talvez o escritor queira o mundo perfeito e depois o seu bem, isto bem pode parecer um pouco *naïf*, mas creio que é extremamente belo, tão belo quanto a face de Deus ou da Madona. Daí o escritor ser essencialmente um demiurgo, uma inteligência ordenadora do caos, ou seja, ele pretende salvar-se pela inspiração, sendo que se aproxima, ainda que em termos literários, mais do cientista social do que o pintor, o escultor, quando todos se reaproximam uns aos outros. Pela primeira vez, não tinha controle algum sobre a minha vida, sobre aquilo que tinha feito ou não tinha feito. Não sabia o que iria acontecer e não me apetecia deitar, no conforto das mantas, nem sequer me apetecia regressar a Lisboa, tão pouco ficar em Riachos, ainda que um pouco me apetecesse. Estou naquela fase dos homens em que só queremos ter uma mulher que nos oiça, porque temos vergonha de ir ao psicanalista... Entre um mundo banal e um mundo especial, eu preferia um mundo que não tivesse chão, um mundo espacial, enquanto, enquanto...O mundo, diante de ti, para ti, tem o valor que tu lhe dás e ainda que lhe dês muito ou pouco valor ele não deixa de ter valor ou nada valer a teus olhos.... Sim, andava nas prostitutas mem tempos, mas mais vale o afeto de uma qualquer mulher do que o nada cospirativo, uma desconfiança do mundo em que muitos vivem. Não fui às duas, talvez fosse às cinco. O dia passou da euforia à melancolia, mais ou menos imprecisa, achei cinquenta euros no caminho do café e ainda assim, esperava pelo resultado da bolsa e do doutoramento....

Nao me podia valer de grandes referências, pois parecia estar condenado a acertar quando tinha de disparar, a acertar em plena noite, quando todos os outros viam seu

alvo claramente, à luz do dia. Ainda assim, assacava à luz da razão, a responsabilidade pelo que havia escrito, nomeadamente na tese. Compreendia, através do que tinha feito, a fragilidade humana em mim mesmo. Como lírios do campo. Por isso não enveredava em grande humanismos e liberalismos. Já tinha passado a época dos M.Tavares, JP Simões e alguns outros e eu continuava sem reconhecimento algum. Talvez ainda bem, talvez o meu percurso fosse, acontecesse, apenas em termos de uma justiça pessoal de mim para mim mesmo...Estaria em paz quando isso acontecesse, sem grandes estratégias...

A vida está cheia de basarocos, filósofos ou não, que se aproveitam da tua história, mas não são esses que fazem história, não são esses os Ronaldos, Mourinhos, Bernardos Silva ou Félix, a vida e o protagonismo é do homem que sabe dialogar e ao mesmo tempo aperceber-se do que faz, do seu poder, do meu pai, que ainda não me deu um carro, mas isso não tem assim tanta importância, eu continuo a minha jornada, afinal ainda tenho um computador e um livro para escrever...Tinha chegado ao fim o tempo da reflexão, agora seria o tempo da reflex-acção...e eu ainda tinha baterias para tal.

Depois de fazer umas festas ao cãozito, como se fosse namorado dele e o desejasse sexualmente e ele espojasse as partes na terra como aplacando a sensação de não ter fêmea, fiz umas festas à gatita preta que viera ter as crias no ôco de uma árvore que tínhamos no jardim, depois disso fiquei pensando no retrato do meu irmão, o homem tipo-missão, o verdadeiro gestor, comunista, amigo de todos, enquanto eu era umas vezes mais reservado outras menos. Fiquei pensando nele e em Leiria, quando ele trazia para casa um saco enorme de roupa, se calhar fez mais sacrifício do que eu e ainda assim me contento com a minha vida...era cada sacão e eu andava sempre limpinho no regato mais próximo onde as lavadeiras se revezavam à água, cantando, por vezes até dançando...

Eu sabia que estava no topo e não por dinheiro. Tinha vontade de voltar a Lisboa, ainda que sózinho, ainda que não me convidassem, era amigo de americanos, "a

friend" sem deixar de ser português, sem se um bufo, sem olhar única e exclusivamente ao meu interesse. Mas isso não mudava nada. Mesmo o facto de não estar pressionando sobre o doutoramento não mudava nada. Há variáveis que escapam à acção humana. Mesmo mais uma noite sózinho. No quentinho. Enquanto o tipo barbudo acompanhado da namorada me tentava expulsar do Starbucks no Parque das Nações...

De certo modo, o homem bem sucedido está preso a isso. E o que é um homem bem sucedido? É mais do que fácil ser-se bem sucedido no senso-comum e igualmente na intelectualidade, onde as rasteiras são mais do que muitas e insidiosas...Tudo quer atenção. Este é o feitio das pessoas, a perfídia e a maldade humana, enquanto cá estão, estranham até o circo, até que o entranham. Não há destino no homem. Por vezes, ficava farto de estar por Riachos, parecia que o alento para dar aulas desaparecia, mas eu persistia, pois sabia que a tarefa educacional não é, nem vem, sem espinhos, doenças mentais até, muita dor e muita paciência na arte de educar. Voltei a falar para uma pessoa que me traiçoeira em tempos, uma jornalista, não vou falar mais no assunto, apenas desejava estar, no dia seguinte, de volta a Lisboa, sempre na mesma lengalenga chata e parecia não ter resultado nenhum junto dos meus e dos outros e eu (mesmo) não podia contar com isso, senão comigo mesmo, o que parecia, era mesmo, uma carga atroz sobre a minha mente...Ainda assim, conseguia uma paz de espírito bastante assinalável, pelo menos face ao peso de certas responsabilidades que me incutiam e incumbiam...

Depois, o autor, que flectira sobre a minha posição sentado na cadeira, que cheirara o meu odor no asfalto da cama, pensava que a morte teria alguma coisa que ver com a

finitude, com o fim da vida, a morte individual. E é que não tinha, o tempo é apenas uma abstracção para uma brutalidade da natureza acometida sobre o homem, que quer morrer e acaba por o fazer apenas porque sabe demais e está cansado da vida, pelo que a vida não tem mais interesse e se tivesse seríamos imortais... Ainda assim, ouvia uma voz que realmente admirava: Lídia Jorge, na Antena 2 e pensava no velhote vendo o jogo do Flamengo com os árabes e a velhota folheando as revistas de decoração...A pequenita, inquieta, falando com ela mesma ou com alguém que nunca lhe dava respostas e que ela logo emendava, tomando as rédeas desse diálogo. E o pequeno, ansiando por um volante para jogar o grande jogo, sucedâneo do Vice-City...

Como, então, conciliar o (interesse) imediato com a colocação num tempo abstrato, filosófico? Esse creio ser o maior desafio, não só da antropologia filosófica, mas de todo o homem, em qualquer lugar, em qualquer geografia ou etnia, antes de mais porque o homem que especula tanto antecipa quanto prepara e não há diferença entre um e outro, são ambas formas de pensamento e tomara eu, como ser contextual, poder vencer essa antinomia que me dilacera as têmporas... e que particularmente face às mulheres, me faz irritar e perder o interesse. Eu, homem que havia escrito duas teses de filosofia e livros sem conta, com mais ou menos sucesso, mas tudo às minhas custas, da minha irmã também, estava atónito com o facto de diversos professores acharem a manifestação do interesse em dar aulas como burrice ou antagonismo. Nunca pensei que custasse tanto dar aulas na universidade, não por Danny, mas por mim mesmo, que nem luvas nem cunhas ou pneus, apenas estava à espera de um concurso, ainda que sem artigos científicos ou mesmo o mestrado. Só jogos mentais, neste país. Mas pronto, oxaqlá compensasse mais adiante, numa certa forma de paz. O meu sucesso, mais do que relativo, caía nas discussões eternas dos pequenos, e na inimizade da minha irmã, enquanto o meu cunhado lá ia, sempre precisando de apoio moral para tudo e mais alguma coisa. Eu ligava-lhes e eles (nunca) me ligavam. Por isso, fui continuando a fazer as minhas coisas e cansei de tanto espera da suposta bondade dos outros... Superara o Emílio, de Rousseau? Talvez sim, talvez não. Talvez não quisesse ouvir falar muito mais de filosofia...machistas!...

Sim, eu era superior ao Danny e a muitos outros, não só porque arriscara muito

mais, mas sobretudo porque fazia da solidão uma espécie de contentamento algo insólito e inesperado, não estava dependente de nada, nem contava com certezas, muito menos wittgensteinianas...

Tavares...escrevera mais obras do que ele sem grandes miminhos...e os outros, tantos que poderia nomear? Que publicam sem dar um cêntimo? Hesitava num contrato com a Chiado Editora, em que tinha que comprar cinquenta exemplares... Por vezes, não conseguia deixar de pensar em Danny, não só porque me achasse de maior mérito, mas talvez porque ele não soubesse alimentar uma amizade, só isso. E ainda se gabava de ter ido ao funeral de Victor... O seu pai tinha morrido e o meu ainda estava bem, por isso, direcionei o meu espírito para coisas e ideias mais úteis, ainda que num espaço restrito, sem pópó.

Entretanto, a bandeira da casa em Moscat caíra da janela. Desconfiava que o vizinho ladrão tivesse ido lá, a Lisboa e teria ficado com a bandeira, estando ela içada, com vários autógrafos e calcinicações, pregada na parede da janela da sala, em Riachos. Seria a minha bandeira? Teria estado o tipo por lá? Ninguém me saberia responder (jamais) a estas perguntas...O tipo tinha carros, ia um e vinha outro e só fazia merda... Gostam que tu sejas muito certinho, para não os incomodar, porque não ameaças o estilo de vida deles... Estava farto de aturar radaristas, ou radiologistas, que diziam tudo que lhes vinha à superfície da mente, tanto na Comercial quanto na RFM, pelo que virei à Antena 2. Demasiado triste e deprimente. Dali a pouco começa a falar o Camané, que me tentou arropelar na Avenida de Berna...

Queria levar a pequena TV para Lisboa, mas era um pouco pesada. Não acreditava que a minha mãe tivesse mais saúde para voltar a Lisboa. O meu pai nada dizia, como

de costume. Muitos falavam de si, outros não falavam de coisa nenhuma (senão dos outros, dos seus personagens)... O meu irmão não estava especialmente concentrado em vir passar o Natal a Riachos, enquanto a minha irmã mantinha-se mergulhada no trabalho. O meu cunhado dava-se melhor comigo, talvez porque eu não estivesse disposto a desestabilizar, apenas da falta de resposta do meu pai quanto a coisa nenhuma, ainda que alimentasse desejo de eu ficar pela aldeia, coisa que era da minha aversão, pois estava mais disposto a andar cá e lá, lá e cá.

O meu pai não me fala. Por mais erros que tivesse praticado, eu estava ali, junto dele, mas ele nada dizia. Era preciso ter uma fé maior do que a do mundo. A minha mãe estava sempre a antagonizar-me, por mais coisas que eu fizesse para lhe agradar. O pequeno pouca importância me dava, não perguntava nada, nem se mostrava grandemente interessado. A pequenita achava que eu era um nabo. Mesmo no café, ninguém tinha uma conversa franca comigo, a propósito de nada? E em Lisboa, como era? Pior, talvez. Estava farto de esquecer, de capitular, numa conversa surda de uma multidão que sempre me virava as costas, sobretudo quando eu estava mais em baixo.

Depois, eu fazia o que Danny dissera: eu estava lá, logo eu, o autor dos mais diversos títulos, habituado à prosa progressiva, estava lá, naquele momento. E optei por não aprender, optei por viver, não queria mais saber disso. Está lá? Linha contínua. Não estava ninguém. De repente, pensei "isto não tem piada nenhuma". Eu não estava feliz se bem que precisasse pouco para o ser e era-o verdadeiramente, em diversas ocasiões. Saturado? Eu?! Nah, estava desiludido com as pessoas. Tudo me fazia sentido, eu estava pronto e via, nessa altura, a inimizade das pessoas, a crueldade, num país que se diz livre e tolerante. Desejei não estar ali, não fossem os meus...Ouvi qualquer coisa lá fora, fui ver o que seria. Talvez uma rã, um gato. Depois, alguém atirou uma pedra. Silêncio. Na Antena 2, um trompa desfilava o seu ardor trombófilo. Os meus pais ainda estava a pé. Não tinha vontade alguma de dormir. Pela primeira vez, entrei em pânico. Já fora despedir-me deles. E eis que o silêncio irrompeu pela trompa, que se calou, continuando o seu dono soprando para fora, como se tentasse ofegadamente sobreviver a um espécie de ataque, de pânico, de qualquer coisa. Não percebi. Entendi, percebi, intuí. Não havia tempo. Os vizinhos

teriam saído. Peguei num cigarro. Eu, que desde há alguns dias que nada havia bebido, tomei um bagaço, como se fosse pela manhã, lá no café...

Podia não ter artigos em revistas (ditas científicas) de filosofia, mas tinha alguma obra literária e, ultimamente, havia fundado várias correntes de pensamento e dedicara-me à filosofia sem grande interesse económico, vá-se lá saber porque e, mesmo, sem grande interesse filosófico. Os manuais de filosofia e dicionários, que comprara na faculdade de Direito no segundo ano da faculdade, faziam-me agora, mais do que sentido, talvez transbordassem de sentido... A função social do filósofo? Um misto de admiração e receio de que o tipo vá desmontar tudo mentalmente. A do antropólogo? O tipo admirável que vai mudar mentalidades e que se vem meter na nossa vida, até ao mais ínfimo pormenor? O sociólogo? Um tipo quase político e burocrata que vai olear a máquina de fazer da sociedade em si. Devia ter estudado Geografia Humana... Depois, lembrei-me do Jesus e suas vitórias (no futebol, obviamente) e isso me deu ânimo e coragem. Eu estava só...podia estranhar esse acto, esse facto, mas ninguém me havia repreendido senão a minha mãe e se recebia mensagens subliminares (penso eu) pela rádio, negativas, também as recebia positivas. Eu precisava de descansar, como dissera a jovem norte-americana, melhor, canadiana, no metro...

Depois, senti que estava preso nas palavras, a língua portuguesa era a minha cela aberta, da qual podia sair e onde me encerrava quando queria pensar por mim mesmo. A voz do inconsciente colectivo, a que eu acedera em Moscat, também se fazia sentir em Riachos e era como que uma faca de dois gumes, podia ser bastante útil umas vezes, pois diziam mal de ti, mas podia ser por outro lado, bastante avassaladora e derrotista. Estava tudo em causa e tinhas de te segurar a ti mesmo. Os pensamentos não me largavam, ora sobre mim mesmo, ora sobre os outros face a mim mesmo, parecia que este processo da tese não tinha mais fim, era como uma borbulha que tinhas no pescoço, inchava, inchava de pus e depois, um dia, um qualquer dia, rebentava não deixando rastro dali a poucos dias. E, enfim, via muitas semelhanças entre mim e o Colinas. Não conseguia deixar de pensar na bandeira, estava esparramada à medida que eu subia para a Casa do Jardim. Nem deixava de pensar

em Brígida, não do ponto de vista sexual, mas porque dizia mal de mim nas costas ou bem perto de mim a um ou dois dos seus apaniguados, garotos que nem eram de Riachos. Sim, teria de rumar de novo, mais uma vez entre muitas, talvez centenas, a Lisboa e encarar os dias, a vida, com alguma leveza, apesar das responsabilidades mais ou menos teóricas. O facto é que eu não tinha pressa; tanto podia ir como ficar mais uns dias, mais umas horas... Afinal, o meu mau-humor eram apenas ossos do ofício, o peso das responsabilidades de coisas, tantas e tantas coisas!...

Depois, pensando na pessoa que me dera o ser, concluí que a vida eterna existe. Porque sonhamos com isso e não queremos acabar. Há sempre esperança e isso nos salva. Veja-se o Sporting.

O INVERNO DO NOSSO DESCONTENTAMENTO

Chovia e fazia frio. Comprei um frango e lembrei-me da escrita de Cristina, que conheci em tempos idos. Comprei cerveja e coca-cola, tabaco. A TDT não apanhava nada nos quatro canais; sem sinal. Pela parabólica, por cabo, não conseguia sintonizar nada. Chovia. Ouvi a Smooth FM e o meu espírito, assim em casa, por vezes se abatia. Mas eu resistia e encontrava sempre pontos de interesse para me sentir bem. Tinha feito isso toda a minha vida. Apetecia-me dormir, estava consado, talvez o fizesse. Ainda pensava na possibilidade de dar aulas, mas não apostava todas as minhas peças nessa jogada. Depois, quando recebesse, pensei eu, iria comprar umas notas e moedas para o meu pai, e já lhe havia comprado duas garrafas de vinho madeira para ele num monhés de Moscat. De vez em quando alimentava-me mal, outras demasiado bem, sempre fora bastante instável em várias coisas, mas procurava não forçar para sobreviver, mais e mais tempo. A barriga inchava e eu tornava-me no Capitão Barrigana, um misto de missionário e jogador de wresteling... Afinal, o que é o sucesso pessoal senão uma vitória contra o próprio Deus? Ou uma vitória sobre o nosso maior inimigo, o Alter-Ego, que se disfarça na Antropologia de Outro.... Por vezes, sentia uma tristeza enorme, funda, profunda, semelhante àquela que muitos homens e mulheres de poder poderãos sentir e então recuava, tentava fazer de outra maneira, mesmo correr o risco de ser revisionista, de me tornar um chato. Fundei várias correntes de pensamento, entre as quais, o relativismo ontológico, o existencialismo fenomenológico, o personalido fenomenológico, uma Sociedade de Simbólica Cinética...ou Cinética Simbólica...

A grande parte das pessoas está preocupada ora consigo mesma ora com os outros, entre pessoas que só se preocupam com uma coisa, que se especialismo, aquelas que apenas se preocupam com as ideias, outras apenas com pessoas, outras apenas com coisas. A combinação das três bem poderá dar mais felicidade sobre o muro e mundo da razão. Este relato não é uma defesa judicial, mas pode servir para isso, não é uma confissão nem um relato histórico, mas pode passar por isso. É o que é, nada mais do que é, entre Lobo Antunes e Saramago. Em Moscat chegavam a gozar com a minha pessoa, mas havia um misto de tudo, eu não estava à espera de comer mel ou apanahr figos quando para lá fui morar. Em França, na Suíça e no Luxemburgo, entre outros,

havia emigrantes vítimas de xenofobia quando esses meninos do norte vinham cá fazer turismo e sei lá o que mais de sexualidade, mas enfim, precisávamos deles lá e cá, por isso teríamos de aceitar o nosso destino de viajar para todo o sempre, como ciagnos do Fado ou fados do cigano? Por vezes, talvez por estar um par de dias em casa, sem chegar a ir ao Aeroporto, ao Oriente, à Baixa, a mesma volta de sempre, ou à Alameda, enfim, por estar no fundo e na superfície de mim mesmo e dos meus pensamentos, chagava a ter ora pensamentos negativos, ora positivos, o que advinha de uma certa bipolaridade do meu pensar, tanto o Bem como o Mal, enfim, tempos de raízes bem fundas na religião de mim mesmo e dos outros, num diálogo eterno onde por vezes desejava a minha irmã, por outras a minha mãe a pequenita, o sobrinho, talvez fosse uma espécie de pansexualidade cega, hermafrodita, esquizomorfa e atónita, que me protegia ao mesmo tempo, enquanto alarme moral interno, contra uma acção mais o menos impelida que tinha, mais ou menos intempestiva, quer porque tentasse evitar o Mal e a Raiva, talvez porque quisesse apenas causar boa impressão por si só, pela satisfatória necessidade disso mesmo no ítem do social. Ou porque quisesse, coisa mais ridícula não há, obter uma aprovação social para namorar, andar com alguém, casar. Mas ao mesmo tempo essa como que obsessão fazia extremo sentido. Fleumático, eu? Talvez. *Maquina Speculatrix*? Talvez, mas ia ao mesmo tempo descomprimindo do esforço (e escorço) destes últimos anos, tendo de lutar com a minha solidão como uma peça de Peter Handke na Cornucópia. Na verdade, nesta vida, que da outra pouco sei, nada mais existe para o sujeito do que ele mesmo, o Mundo e os Outros, o Mundo dos Outros, o Mundo das Coisas e dos Seres....Indiferentes ou Não...

CHEMIN FAISANT

Por vezes lembro-me da vista para Paris da Maison Blanche e do fato de a solidariedade ter escasseado nos tempos que lá estive, em parte por culpa minha, não me dei ao caso e acabei numa casa de repouso para malucos. Lá pude fazer a barba, tomar um banho, mudar de roupa, lembro-me que deixei de fumar durante seis dias, havia na sala de fumo um marroquino que fumava para trás e para diante, como eu, nunca tive a coragem para lhe pedir um cigarro, sempre estive para falar com ele e lá para o fim pedi um cigarro a uma africana cujo sofrimento me era aflitivo... Não podia deixar os meus ideais religiosos e voltei a ser como era antes, em pequeno. Pensava no meu sobrinho e de como os caminhos de amor, como os do desamor, são insondáveis. Deixa morder, é só mais umas horas. Tudo passa...para que passa ou não passa, passará... Sem-abrigo, eu? Nem reformado estou. É claro que dou valor ao meu trabalho enquanto escritor. Senão, não estava só e seria mais infeliz ainda. Dois dias em Lisboa e logo advém um sentimento depressivo, não sei porquê, como se tivesse de pena, afinal apenas estou à espera do resultado da tese para poder fazer alguma outra coisa. Não me apetecia sair de quase lá, parecia estar numa depressão quase profunda, sem interesse para nada, andando de um lado para o outro. Tinha saudades da minha mãe e até conseguia suportar a ideia de o meu pai não me ter em grande conta pelo muito orgulho que tinha. O meu pai era de mau feitio, por vezes ressentia-se de toda e qualquer ofensa, mas não tinha culpa, era assim e eu tinha alguma paciência com ele. Depois de ter vendido dois apartamentos na Casa Velha, tinha em vista uma outra numa freguesia vizinha, talvez para mim. Eu não dizia que sim nem quer não, não punha de parte todas as hipóteses, em Lisboa era difícil fazer amigos, sobretudo pela guinada teórica e social que eu tinha efectivado desde 2016, pouco antes de mudar de casa. Não tinha grande coisa para escrever, nem estava especialmente inspirado. Ao mesmo tempo, pensava em sexo e ganhava ânimo na minha esperança era renovada. O jovem escritor que morava em frente viera de novo para o seu apartamento, depois das férias de verão e tinha uma gailona com um parrarinho lá dentro. Ao menos a minha depressão, a haver, não o nego, tinha uma causa, ou seja, era por motivos filosóficos e profissionais. Muita gente não se podia dar a esse luxo, eram condenadas a viver no mesmo espaço durante anos e anos, por

motivos quase estritamente económicos e tinham um certo mal estar vago que se poderia amplamente enquadrar numa cultura mediterrânica do fado e do destino...

Compro um Grants, pequeno, há já algum tempo que não bebia uísqui, lembro-me da senhora de nariz comprido que vejo pela segunda vez no supermercado, apetece-me sair um pouco, mas não tenho grandes amigos por cá, a não ser um com quem reatei amizade a partir do do Mestrado...há cheias em Coimbra, hoje não houve comboios, não sei se haverá amanhã, a solidão bate como um gongo da morte, mas eu resisto, persisto, alimentando a esperança de encontrar alguém...

Acordo em Lisboa, hesito em ir até Riachos passar o Natal, talvez não vá, talvez fique por Lisboa e passe a noite de Natal no Metro, algures entre Alvalade e o Martim Moniz. Estava pouco ciente do que estava a acontecer, se tivesse mania da perseguição nesses dias, teria medo do que se dizia nas estrelinhas na TV sobre, dos dois tipos à entrada do meu prédio no dia anterior, quando saíra para comprar tabaco. Mas não tinha, talvez pela primeira vez não tivesse medo e quisesse deslindar uma melindrosa situação, os entraves ao acesso ao trabalho de que sofria na sumptuosa cidade de Lisboa. Ficando em Lisboa nesse Natal, podia encontrar diversas coisas e o Natal que escolhi, mesmo o Rafa fazendo aniversário no dia depois do Natal, era coisa que não me assutava assim tanto. É claro que tinha alucinações, obsessões, pânico, mas também a força suficiente para ultrapassar tudo, relativizando, e já não estava a sofrer tanto pela coisa, tirando algum prazer do que ia fazendo e como que tudo se ajuntava para que alguma coisa acontecesse... E aconteceu: a bolsa foi-me atribuída. Podia estar mais três anos entretido com a filosofia, que eu aproveitava para a escrita e demais coisas que sempre gostei de fazer, o meu mérito filosófico era reconhecido, meu coração não parava de pular, mesmo estando eu em casa, evitando fumar, bebendo um pouco do meu Madeira. Isto impede que a tese seja discutida? Isto impede que dê aulas? Aparentemente, terei de aperfeiçoar a tese, tenho três anos para o fazer. Foi, isto, como um balão de oxigénio...

DEPOIS DA BOLSA

Estava nestes preparos e preocupações, pessimista que se recuperava para o Bem e entusiasmado com o futuro das coisas bonitas, e recebo a notícia da atribuição da bolsa. Com calma, mas com lucidez e preparação, enviei os documentos e permiti-me gozar um pouco de alívio, sentindo toda a responsabilidade que acarretava fazer filosofia a este nível e a saúde ia fraquejando um pouco, tentava não fumar e lá conseguia convencer-me a mim próprio que tinha de continuar e que as coisas e as ideias iriam correr melhor para o futuro. Liguei à minha mãe, acho que ela ficou contente, mas a minha irmã mostrou-se insensível. Não se pode agradar a todos.

DOS RESTOS, O AMOR

O Porquê arrasta consigo algo que não tem quer com a "coisa" em Si. O descentramento do Ego (face à sua centralidade) apoia um movimento de uma antropologia assente na ligação ao Outro, em termos de intersubjectividade. O homem é naturalmente bom, só conhece o mal quando está atrapalhado ou lhe pregaram uma partida. As biotecnologias atrasam o "desenvolvimento" da humanidade? Não estará ela condenada a um eterno retorno? Tempo e movimento, tradição e voz do sangue, os antepassados. A fenomenologia. Trabalhar numa nova visão da tese, mais filosófica? A filosofia foi sendo apanhada a migalhas, nos meus anos, agora estou a reunir esses cacos do estilhaçamento do Ser e acabo certamente, por chegar a uma filosofia do concreto, tal como Bourdieu e Foucault ou, melhor ainda, Augé e Merleau-Ponty. Fui buscar uma ligação de pins para a TV pequena, abri a porta do Tico e ele logo desapareceu pela friesta oportuna, tentei apanhá-lo com a ajuda de uma jovem francesa vizinha, mas optei por deixá-lo ir, ele afinal precisa de ar e aventura. Espero que o meu pai não se dê conta do facto. Senão tenho de ouvir e calar. Se não estás atento aos sinais, acabas por perder tudo no afã do sucesso. Há muita gente que é tua amiga, inclusivé a tua família. Não descartes isso, mesmo sendo um palco de tensões primárias, por vezes. Então, nesse dia, tornei-me uma pedra: deixei de estar interessado no meu pai, por muito amor que lhe tivesse, mesmo a minha mãe já não me dizia grande coisa, só me tratava mal, como a minha irmã o meu cunhado. Sò os pequenos, mas por esses não punha a mão no fogo. Por mais que me esforçasse nunca nada chegaria e mesmo, nessa gente de Riachos, se ganhasse um Nobel, não seria sem contestação. De modo que deixei de me interessar, de afirmar, de ser teimoso, e fui-me tornando espectador, invisível, talvez pelo a fã de melhor dormir e ainda que amando a humanidade no seu todo, ela me de3siludia a partir da minha família. Como poderia então amar o mundo?

Pouco a pouco vou percebendo o preço do altruísmo, logo eu, que sempre tive pouco para dar e ainda assim dava muito mais do que muitos. Descartes queria dizer *descartes*... Enquanto isso, procurava pensar no relativismo existencial.

Nada me levaria à América, não preciso da legitimação de uma universidade americana, tenho a minha, nem me sinto entusiasmado em ficar por Riachos, mas mesmo assim irei a Nova Iorque dentro de meses, estou já preparando a viagem, as coisas que devo levar. Não sinto especial necessidade de me fixar em Riachos, a aldeia está exaurida, em parte devido a mim, mas mais, muito mais a outros, tenho casa em Moscat e por lá ficarei até ser velho. E via uma peça de Lope de Vega. Ainda que podendo escrever a torto e a direito mais outras tantas obras que já tinha escrito, resolvi sorver a vida, gozar a vida, porque a minha prosa talvez nada valesse ante a minha morte. Eu, dentro do mal-estar que tinha com o meu cunhado, mesmo não gostando dele, fazia um esforço, falava, tentava empatia e ele só dava para trás, queria ver como seria dali em diante, a minha irmã do lado dele, quando suspeitava que as coisas não estavam bem entre eles, mas a minha mãe não queria que eles se separassem, talvez não o fizessem porque estavam bem os dois tristes, um para o outro, mas ele era como o pai dele, não estava aqui, estava sempre além, mais adiante, descentrado, essa era a estratégia dele. Quando eu dava rosas e aparecia, esforçava-me, o tipo dava sempre para trás e procurava sacar coisas do meu pai, para se apoderar das merdas, no fundo era um oportunista, quando começara a namorar a minha irmã, nada tinha, não se fez à vida, ou se fez, e eu fartava-me de inventar boas intenções, na verdade, tinha-lhe bastante ódio, era o tipo de pessoa que, se tivesse orçamento iria fazer um Rali Dakar e mesmo tendo não o fazia, porque estava demasiado entretido em ser incómodo para mim.

E ele a falar com o meu pai, entretanto o cãozito apareceu, o meu pai sempre fora uma menina atrapalhada e ai de quem lhe atrapalhasse os intentos, entrava histórico logo em pânico, este tipo também é uma Maria, vi logo pelas calças rotas no cù, o tipo era mesmo uma maria sombria, fingida de pai de família, fosse para a Suíça lá podia ser decerto mais fino e endinheirado, era do tipo que tinha as costas largas mas nunca pegara nas obras, eu detestava-o cada vez mais, e a minha irmã era uma chonhinha como outras de Pombais. Tortura psicológica? Jogos mentais? Eu estava já bem longe disso tudo, não tinha colhões para outra coisa senão fosse deixar de sofrer à custa de gente que nunca sofreu realmente. E a minha irmã era igual, estava sempre mal-humorado, e acho que não era da enxaqueca, era de frustração e eu ainda por cima a entusiasma-la, como a outros e outras, a fazer um doutoramento...Isto que se passava comigo e com os meus nada tinha a ver com um doutoramento ou pós-doutoramento, estava muito além disso... Ia à casa de banho. Arrepentia-me de ter vindo para Riachos. Mais uma noite só. Contra o mundo. Ninguém me ligava, nem uma voz, alegre ou triste. Mas eu deixava-me estar. O tipo podia pensar que se apoderaria de tudo sem que eu oferecesse resistência, em troco da ajuda que minha irmã me deu enquanto estive doente. Manipulou-me bem essa. Afinal, era ela a má da fita e só me ajudava em dinheiro porque me roubara anos de vida na flor da idade, da juventude e ele também, que também tendo estado internado, não partilhava esse facto com ninguém. Estava farto e comecei a preparar uma ida a Nova Iorque, com calma, tentando reatar a vida depois do pesadelo que era esse tipo, que só grunhia, não era capaz de articular palavras mais de dois minutos e ela também, estavam os dois bem um para o outro, uns tristes como outros tantos por aí, ensimesmados e contentes com uma sorte que não sabiam de onde lhes vinha, os homens e as mulheres práticos, que não pegavam meticulosamente num livro, sim, talvez fosse não apenas Rei de Lisboa mas também de Nova Iorque e dali do mundo, se bem que o meu poder não precisava de se manifestar...eis então a razão porque fui sobrevivendo, sobrevivendo... Ia juntando um facto após outro e finalmente presenciei um pensamento, um sentimento: este tipo é mesmo choné, depois de a minha irmã me insultar de novo,

mais uma vez...

Ela fora a Nova Iorque para me lixar e o humorista fora a Dublin para gozar comigo, afinal, andava meio país a gozar comigo há já bastante tempo, enquanto um cardeal que nunca fora bispo estava perto de ser eleito Papa. E eu com isso? Se tu não sabes, a quem dou mais valor do que mereces, saberei eu, que pouco ou nada tenho a ver com isso? Não sabia se iria escrever mais, se algum dia pudesse e desejasse uma espécie de libertação, reconhecendo eu que estava numa espécie de prisão livre que é o estado-nação e a identidade portuguesa...

Em vez de ficar fumando razões e desrazões na Casa do Jardim, na eminência de não ter com quem dormir, fui ver um pouco de TV enquanto os meus pais dormiam. Acalentava então alguma esperança de ir a Nova Iorque dentro de alguns meses, sem que me preocupasse demasiado com os preparos e motivações, apenas ganhando sono para dormir, depois de ver o Paulo Futre no "Golos". Danny ligou, finalmente, após umas várias semanas. Estávamos em Riachos, ninguém te censura se fores devidamente justo, à maneira de Camus... Então, não senti necessidade especial de sr conveniente e agradar a todos os outros, fossem índios fossem melanésios, não tinha sono e reparei que tinha avançado quatro páginas neste livro sem que tivesse especialmente sofrido para tal, a inspiração voltara e eu nos confins ou no topo do mundo, em Riachos...parabéns à geração futura que me há-de ler, se alguma coisa ficar, que já me faltam as forças e ainda por cima durmo só...como será na América? Pior ainda, tenho mais que penar, não sei bem em nome do quê...

O fenómeno dos santos e eponham aí a funcionar a antropologia, tem que ver com a forma com que lidamos com a sexualidade: santidade é ausência de sexo? E os hindus, para quem o sexo é sagrado? Nós habituámo-nos a dividir sagrado e profano, Bem e Mal, quando o Mal estava associado ao profano, quando, curiosamente, a reprodução está a ele associada... Quem quer ser santo? Quem quer deixar de amar? Quando a forma surpreendentemente grande de amar implica não ter sexo... Tudo depende, todas as performance, do fato de nos entregarmos ou não a uma pessoa, a várias, de falarmos ou calarmos, de pressentirmos de que tem de se levantar um país...uns

país....No fundo, enquanto pessoa e antropólogo, creio que este país me tem de pedir desculpa.

Não sabia o que esperar, estava ali, no fim do mundo, quando podia estar em Paris e a minha mãe não me dava descanso, como se tivesse cometido algum crime, os meus não me davam descanso, mesmo sabendo que eu tinha feito o que podia e naquela cama de Moscat havia passado a m... do c....

Era preciso muito amor à humanidade em geral e não ser politicamente mesquinho ao ponto de fazer ver a esta gente que não te dava atenção. Por mais positivo que fosse, haviam sempre alguém de má vontade contra ti... depois de teres passado o que passaste, sabias mais do que qualquer juiz ou juíza, fosse qual fosse a comarca, mas não era questão de direito, seria antes questão de realidade, visual, social, onírica e olfativa... Deitei-me acordei várias vezes, bastante mal-disposto e a ouvir vozes. Fiquei pensando naqueles que me queriam mal e se a minha doença não seria uma manifestação disso. Um dia algo aziago e murcho apareceu como que agridoce nas suas tendências e sumptuosidades. O pai e a mãe mais calmos, mas sempre resmungões. Saudades de Lisboa, da civilidade do metro, do aeroporto. Sinto que está perto a América e que eu estou perto dela, sei que se for irei ser remetido para um contexto que envolve três países, a França, Portugal e a Espanha.

Fiquei pensando em três filmes, no Ferreira de Martin Scorsese em *Silêncio*, no *Estrangeiro*, com Viggo Mortensen, e no outro com o mesmo actor de *Silêncio* sobre um motorista de pesados que falava da sua cidade. O dia caíra, em pleno Natal. Faltava o Ano Novo para terminarem as festividades e eu sonhava com as aulas. Talvez as coisas se configurassem do seguinte modo: iria gozar da bolsa, iria ao EUA e voltaria para ficar e dar aulas... Daqui a três anos. Já não era mau. Depois, cheguei ao fim do dia com mais um adágio com que contar, tirado da minha cartola: que o medo da morte não te tire a alegria do viver. Fico pensando no Margato, com quem nunca simpatizei e a mania dele de se achar o maior, nem devia escrever essas coisas, mas como me está um pouco atravessado, lá digo, já digo, depois também o filho do Murça, o mais novo, que se acha campeão por ter ido para arquitetura e que diz que está em França só pra gozar, eu nem sou de Riachos, a maioria deles nem simpatia

nutre por mim, são tipo cheios de si, ora da rua ora do veludo roxo das Igrejas. Eram os tempos em que só a Kyay sobrevivera e ainda assim haviam quem para lá fosse encher-se de tabaco, tal como o Colinas, que estaria não sei bem fazendo o quê, mas as pessoas não o respeitavam, embarcavam facilmente com eles ora porque fosse estroina ora um certo cavalo da noite que se iria estatelar mais cedo ou mais tarde e o próprio Danny podia ter essa sina se não tivesse cuidado com as companhias. Eu, andava a maior parte do tempo só. E ainda bem. Eu estava cumprindo um caminho além daquele que pudera ter percorrido, sendo uma pessoa simples mas sábia e creio bem que os meus sabiam, tinham a certeza que eu estava indo bem, sonhava com as aulas, com vários ideais e ideias, mais do que pessoas. Depois, tinha de lidar com a sinistra mulher que aparecia à janela para olhar o meu traseiro, pensando que eu era gay porque não vivia das aparências, porque não tinha grande vontade de arranjar mulher para fazer ver.... lá estava ela, de quando em vez quando ia beber o meu café ao chato do Meireles. E ainda no outro dia, devido às calças que tinha comigo e aos sapatos, me chamou de palhaço, juntamente com o dono da Venda Agrícola. Portugal vivia, sensivelmente, o que a França havia vivido há dez ou vinte anos, não mais, problemas etnológicos e de direitos humanos. O fenómeno mais transversalmente social era a ocupação da minha irmã, a violência doméstica. Eu sempre pensara que seria um problema sociológico, ou seja, reflectia-se no espaço doméstico a violência da rua, mas fui percebendo, com muitos assistentes sociais, antropólogos, psicólogos e até sociólogos, que se tratava de um problema de saúde mental. Tinha em vista um contrato de publicação de "Transe", teria de pagar cem euros durante cinco meses para comprar 500 exemplares, numa tiragem de mil. E eu já não estava para isso. Nem tinha grande interesse em ser filósofo, em ensinar filosofia, sobretudo porque me via só e sem mulher, o que era uma e a mesma coisa, aprendia a não queres as coisas apressadamente, a ter calma e dar tempo aos outros para me compreenderem...O primeiro instinto de sobrevivência, é para o homem, a sedução, foi assim que a mulher sobreviveu através dos tempos e é assim, não pelo ponto de vista feminista, que ela vai dominar o mundo. Para mim, está bem, nunca bati em nenhuma nem faço tenções (e tensões) de o fazer. Era irónico, um tipo como eu estar só. Por isso queria ir aos

States, Para chamar a atenção, porque a maioria das mulheres desconfia dos tipos bem sucedidos e prefere os tristes porque também elas são burras tristes. Era o que aconteci na casa ao lado, em que ele vivia com duas e um garoto e já fizera uma série de assaltos. Bem, eu também havia roubado livros e agora estudava filosofia...Na TV, o psicopatologista de pêra diz que tenho um comportamento degradante, a propósito de Leiria e de, lateralmente, um crime de violência doméstica que unia Maringá ao Centro Comercial Maringá. Não sabia que interesse tinha nisto, sabia que não estava mais para puxar bastante da cabeça, estava para ir para a cama e era apenas uma notícia de um lugar próximo de mim, da casa dos meus pais, que vira no CM Jornal no programa Zona Proibida. Pensava frequentemente no papel dos polícias, da Polícia e via-me mais através dos olhos deles do que dos prevaricadores, embora tivesse roubado por várias ocasiões livros e algumas mais coisa, como no Corte Inglês, neste país pequeno, onde tudo de tudo se sabe. E, sabendo estas realidades, pensava um pouco apenas, no tipo da funerária e no das ambulâncias, que se peidava em todos os lugares, e até nas Igrejas que não frequentava, a minha inimizade para com o meu cunhado diminuía mas ele tinha sido mal-educado várias vezes e eu não podia tolerar isso, sobretudo quando essa inimizade era dirigida a mim. Lembrava-me do Jerónimo e em como esta gente não pensa, não arrisca, vive de acordo com os outros, nunca desejando ir para outro lugar, para fora (daqui), para um qualquer lugar que desafie os quadros sociais dos seus lugares de nascença...

Suspeitava que o meu sobrinho, acometido por uma severa gripe, queria ir para o seminário ou, então, tinha já namorada, o que me parecia muito mais razoável. Hoje em dia ninguém vai mais para o seminário. Sobretudo que não é mau nem aguenta esta violência real e simbólica que nos entra pelas casa, é isso, a culpada da violência doméstica talvez seja uma caixa (negra) que é a TV e o modo como ela é programada, diria Eduardo Moniz. Certamente. Concerteza. E o livro de Bruesa nunca mais chegara, bem podia ser que escrevinhasse as memórias ao mesmo tempo que fazia tricô. Ia percebendo que os tipos do ISCTE, alguns da NOVA, a maior parte dos da Católica, não tinham conseguido o que eu conseguira. Outros tinham conseguido mais. Mesmo em Riachos, a maior parte estava deprimida, ou eram brutos, o que seria

até bem pior sob vários pontos de vista. O próprio Danny parecia estar desarticulado do que se passava de sério no país, vivendo numa espécie de bolha romântica relativamente funcional, para manter o status e a aparência, para manter a sua falta de vontade e preguiça em ser alguém. Isto só me dava razão. EU não tinha perdido tempo, vivera o meu sono dogmático e agora estava acordado. Enquanto outros se tatuavam e drogavam, sem terem tido o tipo de correção no comportamento que eu tive durante anos e anos sem recurso a droga algum. É claro que fumara três charros, mas isso pouco ou nada dizia sobre a minha condição e propósitos. Eles estavam, lá no Café, parados no tempo, analisando casos sobre a vida social, quando isso já nem por sombras me interessava, atreitos a uma geografia mínima e cheios de dinheiro, a grande parte não sabendo ou não tendo (capacidade) ideia alguma do que fazer ao dinheiro ou então estragando-o todo em coisas e situações que não interessavam nem ao menino Jesus. Crisôlo, Tadeu, Arfus, Nomante, Salzego, esses todos e muitos mais, que me conheceram em Portugal e que gozaram quando estive doente, mais de dez anos, quando a minha escrita arrancava imparável de uma dezena para mais de sessenta obras. Afinal, tinha escrito imenso e, notavelmente, sabia que não veria o meu sucesso e originalidade premiados em vida, que eu não permitiria, pois isso me estragava mais o estômago do que o vinho tinto, mas depois de ter, num momento trágico ou aparente, num desses dias que se seguiriam ao meu repouso sonhador no leito arrumado pela minha mãe...

À noite, fiquei vendo o lume a estalar, as carrascas dos cepos de madeira a rebentar tal como pequenos foguetes da coísciência de estar numa certa "Psicanáliser do Fogo" (Bachelard). O vinho tinto faziam-me dores no estômago (necessariamente seria o fígado) e a garganta ardia-me, se lhe pegasse um fogo transformar-me-ia no motoqueiro a arder, dado ser mota. Fui comprar tabaco e, mistério dos mistérios, havia Denim em Riachos, um bom sinal de que, para mim e outros mais, a aldeia seguia o seu caminho sem mim, pois longe da minha pessoa chatear os outros, estava mais brando e maduro, liguei ao meu irmão, que me deu alguns conselhos, como sempre, estava interiormente reconfortado por estar ao pé dos pequenitos, o rapaz estava com febre e via o CSI-Los Angeles com a actriz portuguesa que me fazia

lembrar a Vera Lagoa nos seus tempos áureos. Claro que me chateava por estar em casa, sem carro, num espaço tão restrito e mesmo assim, tomei a decisão de ajudar a minha mãe e o meu pai até depois da passagem de Ano, altura em que regressaria a Lisboa. As coisas com Danny estavam amenas e agradáveis, como se nos soltasse a língua e fôssemos duas chamas de Espírito Santo, sei lá, dois monges enamorados do saber a flutuar até às nuvens conversando. Depois, mais adiante no caminho sinuoso e difícil, não me apercebendo, fui deparando com um pólipos que caíam do céu e encontrei Leonel Túbaro, que só fazia o Bem, não fazia mal a ninguém senão a uma mosca por inveja, solidariedade negativa ou coisa parecida. Mas tudo bem, eu aguentava tudo com este coração. O Tico continuava a ladrar, fui ter com ele e quando lá cheguei tinha uma grande língua de fora e estava excitado, o meu pai enervou-se, afinal era apenas um gato, vi a minha mãe mais positiva e o meu pai também, embora sempre resmungando, a pequenita estava mais pensativa, como que sonhando acordada e o rapaz decidiu-se finalmente a ficar melhor e foi de novo ao computador, ao volante que tinha comprado com o dinheiro das prendas do Natal. De repente, senti um cansaço enorme e sentia-me incapaz de fazer qualquer coisa, tal o meu cansaço mental e moral, outra coisa que não fosse dormir a sesta. Dormi, isto não é um diário, não há tempo nem espaço, estou num turbilhão, não falo com a minha mãe, não falo com o meu pai, num tempo e momento sou o melhor, o salvador da pátria sentimental, psíquica, noutro tempo não valho uma merda. Então puco a corda de ambos os lados e dou um nó: estou apenas a apartar o cinto depois de vir da casa de banho. Faz frio, acendo o lume, bebo um pouco de vinho branco. Se me pusesse a marchar num carrito ia até à praia, nem que fosse só. Aqui, au-delá da minha família, também me sinto verdadeiramente só. Os miúdos, estatelados em cima do sofá, fazem as conjecturas deles próprios. Oiço a rádio e acendo a luz do interior. Digamos que a minha vida não tinha grande nível de operacionalidade, embora fosse rica sob os mais diversos aspetos. Olhava o meu cunhado e outros, amigos e menos amigos e mesmo o meu pai e a minha irmã: trabalhavam apenas para garantir segurança e qualidade de vida nas suas vidas, não faziam filosofia ou, por outro lado, aplicavam a sua filosofia à vida. Eu raramente fazia isso e de forma bastante superficial, pois estava sempre

preocupado com outras questões. Ainda não sabia se iria dar aulas no secundário. No superior, teria de me sujeitar a concursos certamente bastante exigentes. E a antropologia tinha ido ao ar. Concentrava-me, então, com bastante afinco, no presente, no momento, de modo a fazer perdurar certos momentos de felicidade, ainda que sem grande mulher e outras "coisas". O ter, o saber, o pertencer. O *pertenter*.

Sim, enquanto há uma norma, um devir que tem a ver com uma certa superficialidade, ética ou estética, a depressão e algumas doenças mentais podem ser indício de grande inteligência e perfeccionismo e da ideia de que o mundo não nos serve. Outros adaptam-se e vão construindo gabalorando-se ou não de seus feitos. É claro que sentia bastante solidão e estava sofrendo imenso, sobretudo mentalmente pelo mau tratamento dos meus, especialmente do meu pai, para quem nada chegava. O que teria sido se nem sequer tivesse feito a licenciatura? Isso, para mim, eram conquistas que nada tinham a ver com a simples posse do dinheiro. No meio da solidão eu descobria coisas e mais coisas, mesmo tendo deixado particamente a antropologia social ainda via as coisas do mundo em termos científicos, funcionais, mas sabia que tinha o que poucos nesse país tinha, que era um olhar filosófico da sociedade vindo de um misto de religião, teologia e ciências sociais, com pózinhos de literatura à mistura. Por isso andava, por isso continuava, ainda que sem grande alento, já derivado, já cansado... Um escritor levanta questões que pouco ou nada têm a ver com o bom ou mau comportamento e arrisca-se, muitas das vezes, quando leva as coisas a fundo, bem como a filosofia, a arranjar e ter de superar vários problemas e até entrar em prejuízo ou sacrifício da própria família e dele mesmo. Mas, tudo se compõe se for bem intencionado. O meu objectivo de vida não era ficar quietinho a ler livros de filosofia, se bem que poderia debater as mais variadas teorias, era ser professor do liceu, ainda que de filosofia e arranjar um carrito para dar umas voltas e divertir-me um pouco, fosse onde fosse, fosse como fosse. Sim, a filosofia fora prejudicial à minha saúde e quanto mais verdades descobria, mais prejudicial seria.

Filosofia é o homem que pensa e faz tudo de novo, logo, alheio ao impulso da cultura. Logo, como conciliar filosofia e antropologia? O mundo de hoje vive sob o

signo da certeza, sobre a ciência, das ciências sociais à astronomia, passando pelo desporto, política, tecnologia, agricultura. A filosofia não firma, levanta problemas e muitas vezes, enormes e significativas perturbações, ora sobre a existência humana (em contexto, nomeadamente), ora sobre o seu destino. O homem não pode filosofar senão sobre a ideia de "coisa". No entanto, fá-lo. Será o pensamento especulativo científico também ou aberto às possibilidades do sentir?!

Depois, depois de três grandes sonhos em crescendo de positividade, considerei a vida como fábula. Fui comprar tabaco e tudo olhava, curioso, para as minhas calças italianas. Seria gay aquele tipo? Quando saí, eles estavam junto à porta, comentando, como se eu fosse um criminoso, mas prossegui o meu caminho e aguentei, até chegar a casa, onde vi o meu pai com ar feliz vendo o National Geographic. Lembrei-me dos meus conhecimentos de etologia, de Konrad Lorenz e da sociobiologia. A pouco e pouco a relação com o meu cunhado melhorava e com o meu pai também, até com a minha irmã, a partir do momento em que eu pensei que era o pêndulo da família. Até os pequenos estavam mais divertidos e faziam sol nesse dia bonito de véspera de véspera de Ano Novo. Depois do almoço, deu-me um amoque, senti-me em baixo, embora continuasse otimista, procurava não ofender o meu cunhado e ela nada dizia, muitas vezes sentia que ele me odiava até queria bater ou falar comigo, mas eu não ligava, não dava atenção. Depois, a minha irmã estava sempre a dar coices e pontapés: compara um curso de enologia a um doutoramento em Filosofia...onde já se viu? Bem, a enologia também podia ser uma forma de filosofia...e muitos filósofos eram bêbados inveterados. Sim, a cidade deprime, sobretudo pela falta da certa brejeirice de que falava o Vitor e que é patenteada todos os dias num quotidiano campesino, campestre, em que a natureza das coisas simples nos ensina muito mais do que a escola e a filosofia, como diz a canção dos Xutos. É uma certa forma de ser feliz na perduração do tempo, sem que nada de transcendente, misterioso ou ignoto nos perturbe o espírito. Eu era feliz e não sabia, assim como os meus, mesmo quando estava a sofrer, através do sofrimento, era feliz porque estava, acima de tudo, vivo. Puxava sempre para outros lugares e ainda que estivesse farto dos mesmos, a garantia

de os percorrer deliberadamente faziam superiormente orgulhoso e feliz. E pensava na gordinha do café, novinha e simpática... Lá longe, a mais de duzentos quilômetros, estava a minha cidade e nela outra aldeia, ou talvez vida, assim rezavam os cânones civis, e mais uma temporada de vida e felicidade me esperavam, porque as pessoas sabiam que eu não iria muito longe e ainda que pudesse um dia desses atravessar o atlântico, voltaria para ser feliz de novo, ouvindo o bater do seu coração e pondo o meu ao lado numa harmonia de iguais batimentos...

Há muito que estou programado para ir aos States. Muito pode mudar enquanto eu for, nem que for por só uma semana. Claro que podia ir a outro qualquer lugar do mundo, mas não sei o que vou encontrar, por isso me intriga essa minha nova aventura. Não sei, quero dizer, sei mais ou menos, só que continuo como que atraído por Nova Iorque, sem saber bem o que fazer a esse desejo, como se viesse do fundo de mim mesmo. Estou solteiro, livre, porquê pisar no molhado? Pode ser e será que as coisas irão mudar, mais uma razão para ir, tirar o passaporte, preparar a viagem e zarpar. De repente, fiquei, num instante, amando todas as pessoas que odiava. Retirei o etclado sobresselente e fiquei de novo usando o original. Estava mais perto da minha mente-coração. Eu já fui ao vosso encontro. Agora cabe a vós encontrar-me.s

O nosso comportamento e discurso progride essencialmente pela relação entre

dúvida e ceteza. As grandes teses fracturantes acabam por ser negadas à partida, sendo que aquelas que seguem pela ordem instaurada são imediatamente aceites. A maior parte das pessoas está numa fuga, quer ou não eternizar-se, ora fazendo-se vítima ora se afzendo herói e folião. Nada nem ninguém leva a vida a sério, como se fosse uma grande empresa, uma responsabilidade. Ou então são fanáticos e gostam de torturar o seu semelhante.

Fico olhando para mim: há jogadores que têm muito talento e trabalham pouco. Outros que têm pouco e trabalham mais muito ms. Como Cristiano Ronaldo, no futebol e eu mesmo, na escrita. Olho para a minha família e não compreendo. A minha irmã casa-se com um tipo abstruso, que se sente ofendido por tudo e por nada mesmo não tendo feito grande coisa, o meu irmão está longe e desligado. Eles tratam-mma e depois, quando vêm que eu tenho razão, vêm com falinhas mansas. Isto não é estranho? O tipo pensa que pode fazer tudo, tomar conta de tudo com a maior das distrações. Mas a culpa é do meu pai e da minha mãe, que mesmo com um doutoramento não me dão valor. E um curso de enologia é equivalente ao de filosofia, doutoramento? Deixa-me rir, pá.... Quando eu vejo que a minha mãe está sempre com animosidade contra mim, eu percebo tudo, nunca fui amado, apenas tolerado...Assim, revejo o jogo que deu o título de campeão europeu de futebol à seleção portuguesa, juntaente com o meu sobrinho, depois de estar uns minutos (poucos) amuado com o meu cunhado e a minha irmã. A minha mãe volta a meter-se comigo, no meio d etanta coisa boas. O meu obrinho brinca com um pinhão, lembro-me os da Lapa, onde temos um olival que outrora era uma vinha íngreme. Vou à casa de banho, anda demais, bebo um pouco de vinho e fumo um cigarro. Estou procurando o ponto de equilíbrio para poder dormir bem. Deixei um cepo encostado à lareira e ele acendeu, estava a Casa do jardim cheia de fmo, tive de abrir portas e janelas. O meu pai abriu a porta pra ver e cagou um peído. É isso o que represento para ele? Farto estou de lhe dar anto e à minha mã também, que só me tratam mal, juntamente com a minha irmã, o meu irmão e o meu cunhado. Os garotos ão ligam. Nem podem ligar. Depois de me tratar mal ainda quer que eu ique por cá? Poda ser condescendente, como so quase semp com eles, com ele, mas o facto de ele não me dar carro algum represent muito e quer dizer

muito para mim, ou nada, mas sobretudo que ele se está a borrifar para mim. No café, Brígida apareceu, para gozar, Altuno mostrou toda a sua verve e tive a prova provada que ele nunca gostou de mim, que ainda havia competição nessa aldeia, que eu já tinha desbaratado há muito tempo, mesmo antes de me ser designada uma camisola do clube... Enquanto a maior parte fala nos cafés acerca de quem é o melhor eu continuo os meus livros, despreocupado com isso, sem pedir a ninguém para estudar filosofia... Estive vendo os melhores momentos da vitória de Portugal no Europeu -o humor é uma gabarolice, nada mais- e fiquei, antes de adormecer, pensando na Beta e na Alberta, já não pensava e Brígida, era demasiado viva para mim... Fiquei pensando também em Anaberta, a miúda negra do sul que havia ficado comigo num desses fins de semana... Custava-me ter de dormir só... mas lá me ia encaminhando para a cama... Fiquei até pensando que o peido do meu pai, à meia-noite, apenas fosse um sintoma de aceitação da minha pessoa num certo sentido oblívio... Fiquei pensando, por aqui não arranjo gaja nenhuma, nem por Lisboa, por isso deixei de me esforçar para tal ou mesmo acalent falsas esperanças, pois os sinais eram praticamente inexistentes, aliás, enquanto muita gente gozava comigo, eu estava praticamente doutorado em Filosofia. Mas isso não interessa, não é? E, pensei, no meio de um exame de consciência, se a minha família me criticava arduamente seria porque gostava de mim, ironicamente à lá-new york state of mind. E concordava comigo mesmo: a minha família não seria a mesma sem mim... A conquista da bolsa havia sido uma grande vitória para mim, ainda que preferiria ter discussão da tese agendada, para começar, começar, logo a trabalhar. A meu ver, e creio estar filosoficamente certo, a felicidade é um estado de espírito. Estado que pode durar um dia ou anos e não designado (nem sequer por Deus) antecipadamente para este ou aquele. É preciso tempo e experiência para lá chegar, e falhar, falhar muito e não depende, essencialmente de qualquer condição ou possibilidade, tem muito a ver com a relação com os outros, embora seja um estado interior, ou seja, diz respeito ao espírito, como também à matéria, a ambos combinados e é uma coisa bastante trivial, digamos, uma coisa que nos acerca como um gatinho abandonado, ou um cão, a quem transmitimos vida. A felicidade é vida e basta estar vivo, do lado de cá da vida, para

ter a possibilidade de ser por ela fabejado. A filosofia é tão fundamental aos humanos quanto o pensamento dos fundilhos e um coisa tem que ver com a outra, ou seja é o conhecimento do inútil que nos torna grandes, maiores do que a vida, ao nível de querermos ser absolutamente normais a todo o momento, a todo o instante. Tem que ver com a boca e os olhos, com o olfacto e o tacto, tem que ver essencial e fundamentalmente com os sentidos. Por isso há tanto mito em torno da figura do filósofo. Diz-se que é misantropo mas nada o satisfaz mais do que estar em público, no meio dos homens e das mulheres e daqueles que são uma e outra coisa, ao mesmo tempo ou separadamente, e daqueles que são o género neutro presente no grego antigo, pelo menos que eu saiba. Ou tenha sabido. Ou tenha esquecido. Ou então volte à minha memória como o bater do coração nas têmporas ou na fronte, entre as sobrancelhas onde a pele está seca, destacando-se po a coçarmos... Mais um pesadelo. Nem quero contar o seu conteúdo. Dá-me ideia de que em Riachos só posso contar com Danny e mesmo assim com bastantes reservas. Tanto pessoal que faz tanta porcaria e eu é que tenho de pôr a cabeça no cepo. Então, escrevia por escrever, pensava por pensar ou não pensar, apenas como um organismo debitando petardas e postas de chouriço. Sem inspiração, como que negando ao papel em branco a felicidade que sentia do lado de c´da vida. Não há vida em Marte? O movimento, o devir, não é em sim sinal de vida? Mas continuava, pouco mas havia a dizer, um livro para acabar. Quando a estupidez se instala na mente das pessoas, levnam-se boatos e a justiça deixa de existir, as pessoas tornam-se bichos cruéis uns pra os outros e o que não falta or aí é pessoal que não viaja e aqueles que viajam não vão aos nórdicos nem a Nova Iorque, mas a lugares que dizem ser paradisiacos mas que apenas reflectem a su ilusão de superioridade face a outros povos, dito gentis, como o são os portugueses face aos turistas. Em poucas palavras, o ódio ao Outro representa a mais alta forma de ódio a si mesmo. Depois, para melhorar o humor, vi um monumento de mulher, aquela mulher que humilha o homem até ao fim, no "Casados de Fresco". Andando nas univesidades, nunca me bateram nem roubaram, mas fui por várias vezes vilipndiado e ofendido, a propósito de vários motivos e em Riachos sentia uma infeliz felicidade, coisa de que nunca Derrida ou mesmo Deleuze se teriam lembrado,

uma coisa original, só minha, um misto de vontade de fugir e ao mesmo tempo de ficar, como se me rasgassem o coração e as estranhas e por outro lado, não me batessem por eu ser pacífico e pacifista, coisa que na realidade quase nunca fui. E o quase era quase. Ainda mais. A minha mente, mais tarde ou mais cedo, haveria de se dispersar, de se perder, talvez para se encontrar mais adiante, mais à frente no caminho. Tinha saudades da religião, ao mesmo tempo que, no risco, chegava perto dos cinquenta. Confissões, à maneira de Rousseau? Não tanto, um pouco de tudo e nada. A filosofia, sempre a filosofia como se acreditasse no não-acontecimento e me distraísse pavorosamente para o lado, *à coté-de* qualquer coisa, nessa vida social que é um embrulho de embates, de vozes, de murmúrios e grunhidos. Há dois dias que estava sem o medicamento principal que tomo sempre, um de manhã e outro há noite, e o meu espírito quase me dissipava por momentos enquanto deixava de pensar nos meus sonhos profissionais, aprendia a ter vontade de não fumar nem beber, já ia para um ano que me entregara a esses dois vícios, seriam eles que me traziam poucos amigos? Diz-se que quem é mais social fuma e bebe o o faz para o ser. Como era um pouco assim e eu nem me dava conta de ser chato, apenas era do contra, não embarcava facilmente em certas coisas embora com o tempo me tornara festeiro. Estava rodeado por gent bruta e não gostava da maioria dos intelectuais portugueses, eram demasiado pedantes, mas procurava ver o bom ponto, a boa perspectiva, da coisa. Os meus pais ainda estavam são e muita coisa podia assim fazer. Ao mesmo tempo, o sexo despertava-me cada vez menos interesse, embora ainda me sentisse bastante competente para o fazer. Certamente embora me chamassem alguns conhecidos e desconhecidos de perverso e taado, era o tipo pouco sexista. Não que fosse necessário sê-lo. Sentia a vida floral, espasmódica, como em certas pinturas de Van Gogh. Podia-me, ao contrário de muita gente, dar ao luxo da tristeza, da desolação e da melancolia, mesmo da depressão mesmo assim me sentiria feliz e realizado. Não sentia obrigação algunde casar (contrato social?) ou procurar um emprego à pressa, dentro de alguns meses poderia receber um pouco da bolsa e não sabia como seria no futuro, mas esperava viver um pouco mais desafogadamente e aperfeiçoar-me na gestão e administração do meu parco dinheiro. Muitos tinham menos e faziam mais ou mais e

fazia menos ou menos e faziam mais, seria eu um lógo? Um lego? Não creio, se bem que a minha ilustre e desconhecida sabedoria não dava grande rendimento, mas eu não queria muito mais, apenas viver, dia após dia. Espanta-me em diversos assuntos em Portugal haver tanta injustiça e ninguém se indignar com quase nada, numa moderna, como se não fosse possível uma sociedade melhor, quero dizer, faz-se logo uma festa sobre qualquer assunto e depois cai tudo no esquecimento. Como que se força a alegria, uma alegria ôca, como se fosse essa alegria uma forma de resolver os mais diversos assuntos. Mas não quero entrar no registo de José Gil, em diversas obras. Sou mais otimista que ele, de longe, sobretudo por um entedimento distinto da sociedade e das pessoas. Resistia então à tentação de publicar as obras mais recentes, mesmo *Transe*, por recear que toda uma atmosfera gerada em torno de mim viesse a ser-me prejudicial e pressentia mesmo que alguma gente me queria ver debaixo da terra, um pouco como acnteera com o meu ido amigo. Sentia, assim, um certo amaldiçoamento pela escrita, como se não tivesse liberdade de expressão neste pequeno país que era o meu. Longe estava da infância dos pneus aos pontapés e o mais espantoso era que eu, ao ponto por ponto, ia perdoando, compreendendo, entendendo e esquecendo. Até me chatearem a sério. Mesmo assim, distraía-me de estavam a gozar comigom diversos locais e tomava isso como um defeito dos portugueses nascidos por cá. Passaram dois dias e nada havia escrito, andava de um lado para o outro sem grande destino, com a TV ligada, bebendo menos álcool e até fumando menos, mas estava a ponto de bater no fundo; embora me custasse menos levantar, os pensamentos disruptos, como bombas na minha cabeça, não me deixavam senão pela força do álcool e depois de alguns cigarros, pelo tomei uma resolução mais ou menos branda de deixar o álcool e o tabaco. Havia falado com o meu irmão e antes de as coisas piorassem, agarrei-me a tudo o que havia conseguido para conseguir algo mais. Muitos achavam que eu seria retardado por tentar compreender a realidade em *slow motion*, outros pensariam que fosse sobredotado, tendo necessidade de voltar atrás sempre que me aventurava em caminhos pessoais (que nunca o eram) para me integrar.

CONTIGUAÇÃO MAIS OU MENOS ABSTRUSA

Havia um homem tão feio tão feito, que todas as manhãs, quando se preparava e arranjava, tornava-ser por duas horas o homem mais lindo do planeta. Só que era feio. O o bonito. O homem mais bonito do mundo. Entretanto, uma tal Cristina e um tal Manuel, entrevistavam padres que não podiam casar mas que nos resguardo faziam as suas safadezas e davam a sua tacada. Experimentei ligar a TV e, sem som, interpretaria, a partir daí, os sinais e gestos do que em tempos via e dos tempos em que vivia. Talvez estivesse, apenas, uma mulher que me amansasse a fera. Ao menos eu era honesto. Ainda estava bastante chateado, com os ex-colegas do ISCTE, não sabia bem, por diversas razões, embora viesse com maus olhos dar aulas por lá e não convivesse diariamente com ninguém que lá trabalhasse. Tinha um estranho pensamento, mais ou menos equivalente, para com a FCSH, custava-me muito alimentar esperança, mas eu persistia, em qualquer coisa que não sabia bem o que era, que se tornava diáfana à medida em que progredia. O culpado disto tudo é o reneiro e a bola roteiro do Cavaco Silva no europeu de 94. XóXó nhó nhó fofó tan tan tão pão.

Talvez uma forma de parar o tempo, controlá-lo, seja a filosofia, praticar filosofia. O conhecimento é sempre doloroso porque é uma violação do corpo e da mente face às nossas crenças instauradas. Só estamos bem onde não estamos. E instaura-se a folia. Depois, acabamos por ser felizes no lugar que nos foi atribuído. "Marmalhota, se não soubesse que tu aguentavas não tinha puxado por ti". Disse isto à minha irmã, bem, não disse nessa noite, mas diria dentro de algum tempo, quando, campeando em território da filosofia, tinha conseguido uma subvenção para continuar a estudar problemas e, mais adiante, resolvê-los com a mesma agilidade com quem me esgueirara sobre eles... Um livro duro e ste, à pressão arranco verdades a mim mesmo e ao mundo, talvez a filosofia seja apenas uma forma de ver o mundo. Esse mundo que está cheio de pessoas que não sabem sofrer e que subtraem o seu calor e alegria ao sofrimento dos outros, gente desequilibrada, que tanto está eufórica quanto altamente depressiva a paranóica, gente que não sabe aguentar, que não sabe que

para se passar bem há que fazer por isso, não basta dizer palavras ôcas. Certa rádio dos tempos que correm é assim, dominada por adolescentes que apenas obedecem às hormonas e não têm a têmpera do tempo, uma sociedade que se sobreexcita a todo o momento a si mesma, num caldeirão ilógico que debita ram-ram de palavras afoitas ao vazio. Porque tanto tens chatices quando és bom quanto quando não és bom, por isso, esquece os outros que te condenam e te chateiam e sô bom, transcendente, elevando e ao mesmo tempos sensual. Não sou nenhum Fernão Lopes ou Magalhães, mas, ao ponto em que cheguei, nas minhas viagens metafísicas e literárias, qualquer um podia sentir revolta, solidão, frustração. Eu sinto isso. Mas ao mesmo tempo não, o que sinto é responsabilidade por cuidar dos que me são caros. Ainda me lembro dos tempos iniciais na casa nova em Moscat, em que não conseguia dormir, tendo necessidade da Quietiapina e das alucinações, as vozes falando de alto e baixo e até da rua, enquanto eu tentava dormir. Farto de encaixar golpes de gente burra e básica. E dos outros, a quem nunca pertencerei, também. Mas resisto e persisto. De uma maneira ou de outra. Chego a casa, a Riachos. A minha mãe faz-me a vida cara, o meu pai nada diz. Estou com eles mas ao mesmo tempo pretendia estar, aqui ou acolá, com alguém, uma miúda, se faz favor. Mas nada. Pego no manual de Filosofia do décimo ano e sinto-me triste, mas não creio, de longe, ser um tipo triste. Venci coisas que só grupos e corporações, lóbis, vencem e ainda por cima sózinho, praticamente só. Talvez por isso esteja só. Depois pensei: a América espera-te. E entre voltar a casa e ver os Golos e ir deitar-me logo, fui buscar mais uma garrafinha de vinho tinto. Lídia deixara de falar comigo no facebook. De quando em vez mandava petardas, bocas que eu parecia seriam em parte dirigidas a mim. Aguentei, não liguei, não disse nada. Talvez nunca viesse a estar com ela, como com outras com quem falava na internet.

Quando sabes fazer as coisas, tornas-te modesto, ou nem ligas, esquecendo os tempos em que falavas, falavas e nada fazias. E então, ouvia Ed Malone, o frio entrecortava-me os ossos e a minha mãe lavava a loiça, o meu pai nem dormiu, achou por bem ir ao café, onde já tinha eu ido há horas (haros) e voltaria para se entreter no armazém... Nada demais, bebi um ou dois bagaços, a pequenita chegou da escola, eu continuo sonhando acordado com alguma felicidade que me bateu à porta. Não me

tomo por modelo de comportamento ou discurso, mas posso dizer que os momentos mais felizes que tive na minha vida foram aqueles que passei obedecendo à religião. Mas também um dos mais infelizes. Era uma prisão mental, mas ao menos sabíamos com o podíamos contar. Tendemos a dizer que a religião não é solução, porventura para a felicidade humana, mas acho que estamos sacudindo a água de um capote que nos pode fazer bastante jeito para entender muitos dos fenómenos actuais de conflito das relações e percepção do mundo.

Ainda bem que não tenho grandes personagens neste livro, que não pretende sequer ser um romance, porque as pessoas em Riachos estão desiludindo bastante, em Moscat também, agora percebo porque a minha irmã e meu irmão esperaram pela parceira certa. Eu também vou esperando e penso poder vir a encontrar. O mundo está dividido entre aqueles que problematizam e apresentam trabalho mental e os outros, que só arrotam postas de pescada, duas visões distintas do mundo, do viver, que por vezes entram em conflito verdadeiramente animalesco, sobretudo porque quem não sabe ler nem articular questões mais ou menos filosóficas tem inveja daquele que o faz e que, sobretudo, está quase só, diria orgulhosamente só, com os seus pensamentos e até acaba por equilibrar as coisas do pensamento em termos sociais. Há muita culpa dos antropólogos neste conflito, pois aceitam e compreendem uma lógica de pescada de rabo na boca que apenas perpetua uma forma de saber, em detrimento de outras. Sim, talvez esteja apenas estudando qualquer coisa psi... Tinha nesses dias a barriga grande e o jogador francês do FC Porto brincava com isso...E eu tinha, nesses dias, a sensação de não ser aceite, de ser alvo de troça e chacota. Ao mesmo tempo vou lendo *Ensaio de Etnopsiquiatria Geral*, de Georges Devereux. O contexto português para ser perfeitamente encaixável nesta medida. Pelo menos é o que estou a viver. Apesar de oitocentos anos de história e dos Descobrimentos. Talvez mesmo por causa disso. O meu espírito decaía, por vezes, ao longo do dia, o meu pai pouco cedia, ainda não tinha carro nem miúda, nesse tempo não pensava em ninguém em particular, apenas queria avançar um pouco com a minha obra e fazer uma certa viagem, talvez para conhecer a mulher dos meus sonhos. Senti um pontada no espírito, era o chamamento de mim mesmo além do oceano. Sem dizer a ninguém.

Uma felicidade externa, interna, extrema, como se o Ser fosse uma abertura ao Mundo, no sentido derridiano e deleuziano. Apenas um empreendimento de certa forma simbólico, de certa forma desportivamente espiritual. Depois de muito tempo parado, geograficamente, ia de novo para mais uma aventura na grande maçã, a meu termos e às minhas custas, a ideia trazia de novo felicidade à minha vida. Desde que pegara na tese, decidi ser feliz, e estou sendo, não sem momentos negros e espalhar essa felicidade aos Meus e aos Outros. Eu tinha, antropologicamente, três lugares na minha mente, enquanto me esquecia de Paris e Madrid: Riachos, Lisboa e Nova Iorque. Dera muito ao meu país, ele deras-me pouco mais ou menos, mas não me tirara grande coisa e ainda assim não cuspi no prato em que comia. Não era mais, muito mais, ambicioso do que em outros tempos, apenas queria continuar a viver e desempenhar o meu trabalho com alguma lógica, com uma certa consciência que atravessasse os meus momentos em baixo e me pudesse projectar para algo de inspirador para os Outros. Se não fossem os Outros, eu nem sequer existia, isso é mais do que certo, nem sequer os meus Eus, os Outros em Mim, tal como os Eus nos Outros, de todos os outros. Meu pai pensava que eu iria para a morte em Nova Iorque, mas eu não pensava nisso, há pessoas boas em todo o lado e, sinceramente, não me sentir atemorizado pela viagem, nem mesmo do tempo que ia passar sem fumar no avião, apenas me preocupava em como ocupar por lá o tempo e certamente que iria voltar mais vezes, tal como muitos "escolares" e actores deste país. Encontrava-me sem trabalho há bastante tempo. Muitos, aqueles que têm excesso de vida, acabam por ir embora. Eu não sabia se voltaria, não via isso como obrigação. Mas não estava preocupado com isso. Novamente lúcido, tinha a mente aberta para as coisas que mais convinham a um determinado propósito. Apontei uma data de ida uns dias antes do meu aniversário, pois sabia dentro de mim que no meu aniversário estaria no pico da minha energia. Bastava ter um pouco de paciência de modo a programar bem as coisas e estava arredada a hipótese de ir com companhia. O que acontecia. O que não acontecia. Sabia que o meu esforço e até paciência seriam recompensados. Depois, um dos segredos da vida é guardar alguma coisa para o dia de amanhã, para um imprevisto, como me dizia a minha mãe. É claro que devemos dar

tudo, diria (quase) sempre, mas convém refrear o esforço, calculisticamente e gozar a vida em pleno, nas altímetras dimensões que ela contém. E ter paciência, a paciência que o antropólogo não tem, mas que o escritor tem, na maior parte dos casos, pois há muitos que fazem chantagem e palhaçadas só para iludir as tipas ingênuas. Achava este país uma merda pegada, quando olhava para o meu esforço e outros pavoneando-se com menos esforço e muito menos talento. Não tinha paciência, apetecia-me mandar isto tudo às urtigas. E Danny nada adiantava que não fosse a seu favor, entre muitos (mais). Quando ia pensando no que as pessoas me haviam feito e continuavam a (não) fazer, metia-me nojo. E vergonha de ser humano nesta terra. Nisto, eu pensava, a minha mãe é mais santa do que a Rainha Isabel, de Espanha ou Portugal, tanto faz. E o meu pai, muito mais importante do que o tipo que está no Vaticano ou mesmo na Casa Branca. Os problemas do país resumem-se a esta sentença: os portugueses têm fraca auto-estima, odeiam o seu país, tal como se odeiam a si próprios, por isso estão sempre a rir, como garotos ou bebés. Na verdade, eu sei melhor o que é ser português porque vejo de fora, sei melhor o que é ser-se espanhol porque vejo por fora, e francês porque vejo por dentro. Faço um esforço para gostar deste país, mas não vejo nele senão uma bondade bacoca e vazia. A existência é tão-somente uma viagem do espírito. Mesmo tentando ser positivo, fui percebendo quem eram os meus inimigos, pontualmente, o meu padrinho do Crisma, o tipo que vivia no segundo andar da casa que eu fizera. Isso, Vitor viagem. Enquanto Ronaldo ganha por ser um atleta completo, Mourinho é o estratega. Os dois ganham dinheiro com isso. Eu sacudo a água do capote, pois na minha folha de rendimentos, apenas há uma subvenção do estado para uma patologia genética e mesmo assim faço mais do que muitos psis, dou conselhos e ajuda grátis, até monetária, produzo muito mais e muito mais simplesmente, para o povo, do que muitos, filósofos, antropólogos e sociólogos desta praça, que já deixou há muito de me encantar, mas esta história apenas será publicada um dia mais tarde, ou nunca, poderá autodestruir-se dentro de dez segundos e ainda assim não acreditarei, porque o Cristo em Si não acreditava. Muito haveria por dizer e lá começa um novo episódio, quando estou só, como o meu amigo esteve, o meu homónimo, neste país a grande parte tem duas caras, a da tragédia e a

da comédia, são bipolares, talvez porque nunca levaram nem deram porrada, inclusivé a TV é uma caca, só se gera confusão e desinforma. Mas na América há-de ser pior, por isso é que eu vou para lá mantendo a minha matriz de francês. 1970. Rua Victor Hugo, Rua da Universidade. E eu, que havia fundado vários movimentos filosóficos, estava diante de um povo retardado, que não me interessava em motivar, porque a mim ninguém me motivava e estava desempregado há tempo demais para desistir, mas eu sabia que só por ter estado cá era um vencedor, ainda o meu pai me insultasse a todo o momento, indo a minha mãe no mesmo, a minha irmã gozava com a minha personalidade a todo o momento, com seu marido e amigos, meu irmão conspirava contra mim porque pensaria que eu tinha uma espécie de complexo de Édipo em relação a ele, enfim, tinha ido à tropa e corria meio fundo, enquanto eu me contentava com um pouquinho de vinho e dois cigarros e uma prosa que não enganava ninguém, muito além de Saramago e Lobo Antunes. Aliados? Há muito que eu deixara de ser deste mundo, logo aos 14 anos, lembram-se? Nisto tudo, as mulheres fugiam, cagadas em terra de pandeleiros, arregimentando conspirações mais ou menos herméticas (fora da caixa, fora da laixa) contra seus maridos que lhes batiam... e eu sem carro para desatar até Lisboa, sem dinheiro para gastar em Nova Iorque, era tão louco que era (aos olhos da minha santa mãe) o mais sábio, santo e justo dos homens. Porque eu não batia em ninguém e isso enervava-os, ao Danny pu-pu, ao Messiano papa-moscas destravado e peidorreiro. Era o Rei, sempre fora, um supra-sumo da causa do outro sem ter IRS para descontar em nome do qual cada qual. O dinheiro, a esquerda radical, fizera as pessoas loucas, como quem olha para a merda castanha-esverdeada, e mesmo assim não havia liberdade de pensamentos, porque uns e outros eram capa e contracapa, fascistas. Porque o essencial do homem capitalista, não é como o russo, é um complexo certamente de castração, tem o complexo de mostrar a todo o mundo a mulher que tem, como se fosse um objecto, uma imagem da virgem santa que eu fodo, quero dizer, uma boneca sem defeitos como aquela que tem o Cristiano Ronaldo, mesmo não sendo conhecida por razão nenhuma em especial. Porque os portugueses precisam de ser humilhados para seguirem o seu destino e isso os nórdicos e americanos do norte já perceberam há muito tempo. Aqui é o centro e

ao mesmo tempo a periferia do mundo. Muitos autores li, muitos se seguirão, enquanto os humanos continuam a ser observados uns aos outros, uns pelos outros, cegos pelas tetas e a pintelheira das gajas porque não se conseguem deslindar da equação entre prazer e reprodução, quando a reprodução pode ser apenas prazer, ou seja, fruição, sem que haja um garoto a caminho para eu me mostrar um grande *working class hero* que tenho uma cópia em miniatura para os outros verem, esqueceram-se foi de cheirar a merda que fizeram, por isso não têm coragem para me darem o honoris causa, fosse no ISCTE, fosse na FCSH, na Católica ou na New School, para não abrir o dossier Vítor da Clássica, entaipados, dizem toda a porcaria na TV e enquanto cidadão não deram nada senão coisas de espetáculo e mediatismos com quem sentem dores de cú. Depois, o meu irmão tinha saudades da luta física comigo, em que eu lhe dava espaço/tempo para expressar a sua agressividade e no fim ganhava como um golo fatal, 1 a 0. Depois do que eu passei, em Riachos e Lisboa, até Paris, iria aceitar um qualquer destes destinos? Não creio. Nem tinha pressa. Em poucos minutos, perdi a vontade de escrever, ante estes humanos. Nem mais, de facto estava bêbado, mas era tudo em nome de uma bela obra para a posteridade, havia discutido com o meu irmão e a minha irmã, ainda continuava a fumar e sentia, sem sentir, um certo sentido de dever cumprido. Não era Riachos, pá, esse capítulo estava encerrado logo à partida, era Vermoil, como Vermont e Vladivostock. Pá. Um mundo de falsários, onde é preciso ser mau para sobreviver. E depois ainda fazem uma festa. O fim ou o começo de uma era de paganismo para os mais variados pedófilos. Como Hernâna Carvalho. Chegámos a uma era primitiva e aí eu era o Rei. Mesmo sendo bastante civilizado. Podia andar a dar voltas e mais voltas e nunca me perceberiam, porque nem todos estiveram do lado de lá da vida, tendo voltado. E eu estou aqui? Certamente, num determinado registo, venci. Mas não me vou preocupar em colher frutos, considerem a minha vida como uma dádiva a vós mesmos, enredados em multimédia e imagem. Porque eu prefiro outros sentidos, porque ceguei de tanta mentira e Mal... de tanta insídia social, de tanta tacanhez de espírito quando vocês consideram os padres, que em lugar algum estão, eu, ao menos, sem ser obrigado a isso, produzi duas teses e bastantes livros. A coisa não vai pela matéria, mas pelo

espírito, quando uma e outra coisa é uma e a mesma coisa. Tudo isto me parecia bastante estúpido, mas eu desisti de ajudar os outros e comecei pela melhor maneira de ajudar o outro que há em mim. De mais a mais, deixei de considerar Danny nos meus pensamentos, pela agressividade com que me tem tratado, como se a tivesse recebido dos seus colegas sociólogos, causas que não me dizem respeito, mas também o meu irmão me ameaçava com um internamento compulsivo e o meu pai era ainda antipático e agressivo comigo, após tantos anos, como se cuspsse no próprio prato em que come, ou seja, a única garantia de continuidade dele mesmo era eu e ainda assim ela a desperdiçava em favor de um comerciante de vinhos que por acaso era meu cunhado, o tipo mais bruto e sensível que eu conhecera, parecia uma Maria a dar a dar, como e agora todos quisessem ser intelectuais. Ainda assim, não tinha mulher com quem falar e ia passar mais uma noite só, em Riachos, numa cama de casal, para depois rumar a Lisboa e depois a Nova Iorque, dali a um ou dois meses. Estava ali, a sós, com os meus pais, ainda sem emprego e sem mulher, fazendo depender a minha vida de uma bolsa e, na expectativa de condicionar a minha vida a uma bolsa, aceitar e compreender todas as críticas que me faziam, tendo superado Max Weber há muito tempo, mas não Mauss, esse permanecia para sempre no meu espírito, nesta jornada de um desalento singular em nome dos Outros, de todos os Outros, como se fosse um deus que quer apenas ser humano e não compreende sequer isso. Sonhava, no limite das minhas forças, ainda é possível, ir além de Antero e dos mais diversos autores, vi o Borda d'Água e ainda pensei na tese de pós-doutoramento, de resto quase pronta sob a forma de uma *Antropologia Filosófica*, a primeira em Portugal, por um português que vocês esqueceram. Pela primeira vez, interroguei-me se valeria a pena continuar a escrever. A minha mente difundia-se entre bons e maus pensamentos, entre copos e drogas, mais ou menos lícitas. Nunca me drogara para escrever. Ou talvez sim. Mas aguentava e prossegui, como se estivesse a dedilhar um piano numa música talvez clássica. Talvez não devesse mais lutar, como o Senhor Amadeo Ruah, mas persistia, como ele, em busca de qualquer coisa no fundo de um copo de vinho, enquanto outros faziam perder seu destino em outras (tantas) coisas. Finalmente, descobri a antena certa, a Antena 2, que eu abandonara há tanto e tanto tempo, depois das

noites em que gravava maciçamente música que dava na madrugada sem interrupções. A aldeia permanecia secretamente silenciosa. Ninguém se entrecortava o dizia nada a ninguém. Certamente, ajuizava eu, não era por minha culpa. Todos, até na cidade, pareciam possuídos pelos mais diversos espíritos e eu ia, de embate contra a cidade dos espíritos errantes, a grande maçã, sabendo bem o que deixaria para trás, não sabia por quanto tempo, se aquelas coisas ainda me afectavam a cabeça, entre o genial e o patológico, dullemeuniano e deleuzinao. Ano após ano...

Sim, para ser professor na universidade, cá ou lá, teria de escrever dois ou mais artigos para revistas especializadas e eu, mesmo nos termos da metafísica, estava um

pouco fora de mão, era um amador cansado, não um amador casado, por isso ainda recolhia alguma admiração, mas queria ir mais longe, pelo menos fazer publicar a minha tese em francês, na revista *Esprit*, ou em espanhol, numa qualquer de Sevilha ou de Madrid ou na *Mind*, em inglês. Lembro que ela estava já traduzida em inglês, a primeira parte, sendo que continha três, no fundo só (quase eu) acreditaria no meu trabalho, mas eu persistia, continuava, essa corrida.

Via tipos a fazerem todo o tipo de porcaria e eu, que mais ou menos tinha feito tudo bem, era ainda por cima censurado e não estou armado em vítima, era um facto. O meu amigo Danny, só quando o visse morto a coisa acabaria, pregou-me uma partida singular, eu ia-o esquecendo, nada queria com ele, pois era um tipo maldoso, ambicioso demasiado e cheio de ressentimentos, ficara com o volume 8 da minha enciclopédia e dois ou três livros de minha autoria para dar ao Coilinas, que nunca mais aparecera, devia de andar com uma garrafa de oxigénio às costas. Pena é que não era só ele. Temos pena. Sim, teria já superado muita gente, desde um Luís Quintais, a todos do ISCTE, todos da FCSH e até da Clássica, para não falar da Católica... Aos pontos e por knock-out... No dia seguinte, procuraria bem no fundo da minha cabeça, mais uma sentença para valer a pena levantar-me!... Eu estava no fim de qualquer coisa e no princípio de outra completamente nova, não sabia o que seria, mas pressentia que uma viagem a Nova Iorque sabia a pouco, seria qualquer coisa apenas para me impressionar, como que uma selfie sobre uma condição existencial que eu tenderia a achar ignominiosa e, no entanto, prosseguia no fundo de mim mesmo, cavando esperança sobre uma condição, gerando ideia atrás de ideia, arriscando e ao mesmo tempo calculando, gerindo uma ou outra estratégia para fazer as mesmas coisas de sempre, as coisas que todos e qualquer um fazem, amor, reprodução e gestão do sentido. O sentido do corpo e dos cosmos, para não ir mais longe. Depois, o cinema, a mais honesta imagem de si mesmo, do Si Mesmo e até inclusivé do Outro...

Afinal, uma das melhores estratégias para ter ou obter felicidade, talvez seja adiá-la, empurrar a felicidade iminente com a barriga, como se tendêssemos ou

pendêssemos para ela mesma, um estado de fruição, tal como a suspensão do Tempo no amplexo, no amor, doseando e admoestando o Tempo, que sempre caminha inexorável atrás de nós como numa fila de trânsito numa megalópole, onde os desafios à distração e à resistência são mais do que muitos. A todo o momento devemos estar cientes de uma grande verdade: não sabemos nada da vida, nada sabemos de coisa nenhuma e estamos a todo o momento sempre a tempo de aprender a viver. Pelo menos foi isto que eu pensei, nos meus dias de culpa, conflito e calmaria. Depois de ver o Benfica, sintonizei a Antena 2, que falava de um serão com livros no Porto, na Livraria Lello. Dormi sobre essas palavras. Assim, nesses dias ainda em Riachos, aprendi a viver (bem) cada momento, parafraseando Pedruso Abrunheiro. Depois, em vez de pensar denodadamente na América e ou mesmo apenas em Lisboa, de pensar na felicidade do que não tinha e não era, encontrei um livro esquecido ali bem perto, a dois passos do meu copo de bagaço, "Uma História Antropológica", das Edições 70. Enquanto isso, nos meus passos em volta, encontrei A Costa dos Murmúrios meio lido, ainda com a capa, sim, olhar para os livros antigos que estão em casa de uma outra maneira, como quem olha para a mulher fiel ao fim de tantos anos. De outra maneira. Pelo que tenho passado, um grau de Doutor parece-me bastante pouco. Era Quarta-Feira. Finalmente, o dia por mim designado para regressar a Lisboa. Mas não tinha muita vontade, ainda que força tivesse bastante. Era chover no molhado, para mim, Lisboa, melhora talvez do que no sêco. Mas fique, depois de três sonhos bastante estranhos mas ilucidativos, tipo Salvador Dali, pensando no que me motivava (ainda) a estar em Lisboa. Há uma semana que não via o email e esperava respostas, um sinal, talvez uma escola para dar aulas, uma faculdade, um politécnico, mas ainda assim passara uma parte atroz e dolorosa e mesmo com o mau tratamento da minha mãe, evoluía naturalmente nos dias...ante o chilrear das aves e o reparcimento dos corvos. Ando por aqui, num chorilho de insultos, como o Vitor andava lá por Carnaxide, quando se tenta ajudar ainda é pior, os velhotes estão mesmo doentes, tomara eu não ser assim quando tiver a idade deles, chato e implicante. Só eu posso impedir que a minha mãe continue deprimida e é estando perto dela, mas não lhe falar, estar ali, a dois metros, disponível para ajudar

mas calar, não dizer nada. Sonhos do catano. Estava a ponto de desligar o PC, que tinha ficado toda a noite ligado, aceso, a arder. Partira o vidro da salamandra com um cepo e agora não tinha lume, cheirava a mortos e morte nessa casita, eu reconhecia esse cheiro também presente em Lisboa, mas os corvos estavam bastante longe., e o sol entrava pela sala e no quarto para mudar tudo e inundar a divisão de luz e vida. O ambiente estava estragado; Brígida amuava e mandava tiradas de má disposição logo que entrava no café. Estava ainda para lhe dar a oportunidade de uma queca, mas ela parecia querer andar com garotos drogados. Depois, o tipo Tóbi, que meneava a cabeça como Robispedra...dava-me vontade de lhe dar um tapa bem forte na careca. Iria eu avaliar mais o estado das pessoas quando a grande parte dos técnicos de saúde era desleixado e carreirista? E os nossos sonhos, onde se localizam? Na infância, na juventude? Talvez a capacidade de ser feliz resida na capacidade de substituir os sonhos, desfeitos ou concreções da nossa acção no campo social, por outras, o que exige uma prodigiosa força e forma de sonhar, coisa que não está ao alcance de todos, mas que sempre se pode conseguir com persistência e um quase sadismo para suportar as críticas dos mais próximos de nós.

Depois, nessa tarde, senti um certo cansaço e fui dormir. Por nenhuma causa, por nada em particular, apenas talvez para organizar o meu pensamento, bem como os sonhos. Lisboa ficava longe por algum tempo... Na verdade, não sabia se estava a acontecer alguma coisa, se era suposto acontecer qualquer coisa...Por vezes, ainda pensava em Danny, sempre fora dos melhores amigos, mas tinha de viver com a sua ausência, pelas coisas que me fizera não o voltaria a perdoar tão cedo... Ao mesmo tempo, dado que tinha conseguido a bolsa, não tinha obrigação de fazer o mestrado, só para leccionar Filosofia no ensino secundário. Adia a felicidade mas não a gozava, não era totalmente feliz, particularmente nessa noite de Inverno já na segunda década de dois mil... Pensava em como seria, como era, interrogava-me com o que se desenrolara, ali, entretido num atelier ao lado da minha casa. E esforçava-me para viver o mais possível o que estava acontecendo, procurando estar à superfície, à tona de qualquer coisa que não sabia o que era. Enfim, eis mais um livro.

